

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

Amanna Luiza de Brito Nunes
Pedro Henrique Vieira Pires

**Se essa vila fosse minha:
Relatos Sonoros das vivências na
Ocupação Vila Serrinha**

Produto jornalístico

Mariana
2022

Amanna Luiza de Brito Nunes

Pedro Henrique Vieira Pires

**Se essa vila fosse minha:
Relatos Sonoros das vivências na
Ocupação Vila Serrinha**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N972s Nunes, Amanna Luiza De Brito.

Se essa vila fosse minha [manuscrito]: relatos sonoros da Ocupação Vila Serrinha. / Amanna Luiza De Brito Nunes. PEDRO HENRIQUE VIEIRA PIRES. - 2022.
72 f.

Orientadora: Profa. Dra. Hila Bernardete Silva RODRIGUES.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Habitação - Mariana (MG). 2. Podcasting. 3. Posseiros. I. PIRES, PEDRO HENRIQUE VIEIRA. II. RODRIGUES, Hila Bernardete Silva. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 659.3

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanna Luiza de Brito Nunes e Pedro Henrique Vieira Pires

Se essa vila fosse minha: relatos sonoros das vivências na ocupação Vila

Serrinha

Produto apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 20 de outubro de 2022

Membros da banca

Prof.^a Dr.^a. Hila Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/11/2022



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/11/2022, às 19:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0429238** e o código CRC **BF1089E1**.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de conclusão de curso significa para nós muito mais que apenas uma pesquisa que encerra um ciclo. Ele serve, antes de tudo, para demonstrar que, quando existem oportunidades, todos nós somos capazes. Por isso, agradecemos primeiramente a possibilidade de estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, que proporcionou uma transformação em nossas perspectivas de vida. Diferente dos nossos pais e graças aos governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, tivemos oportunidade de estudar, comer e morar gratuitamente. Sem isso, não seria possível estarmos aqui.

Agradecemos assim, a todos os amigos do Conjunto II de moradias da UFOP, vulgo “catetão”, que enfrentaram conosco tantas dificuldades e ofereceram afeto, presença e nos fizeram sentir em casa. Dedicamos esse agradecimento em especial às repúblicas Bataclan e Ventania, companhias que atravessaram a pandemia e que seguem presentes.

Também não podemos deixar de agradecer pela presença sempre exótica de Pedro Lavigne, com suas piadas ruins e trocadilhos fora de hora, mas também com sua fala amiga, sua escuta atenta e seus bons conselhos. Agradecemos também ao não menos exótico, Fernando Paniago, nosso amigo-irmão que esteve conosco desde os primeiros dias na UFOP e tornou nossos dias mais felizes com sua energia contagiante, seu riso frouxo e seu abraço apertado. Nunca vamos esquecer das tardes na mesinha do catetão, desabafando sobre a vida e planejando sonhos. À Luana com a sua mania boa de reunir os amigos na cozinha e contar casos de doer a barriga, com seu jeitinho estabanado, seus conselhos de gente grande, e nossas tardes estirados na sala da Bataclan. Vocês foram e são a nossa família de Mariana.

Nossos agradecimentos também à nossa orientadora Hila Rodrigues, que nos acompanhou com paciência e carinho, e garantiu que o nosso trabalho fosse desenvolvido da melhor forma possível. E, por fim, agradecemos a todos os moradores da Vila Serrinha que nos receberam de braços abertos e compartilharam com a gente as suas histórias. Em especial à Adilson, Richard, Liriel, Karla e José. Os depoimentos de vocês nos emocionaram e nos ensinaram muito sobre a vida. Registramos aqui a nossa admiração pelo povo que segue em frente e segura o rojão, e que, mesmo diante de tantas dificuldades, segue lutando por melhores condições de vida.

RESUMO: Este Trabalho de Conclusão de Curso baseia-se no processo de construção e finalização de um produto sonoro sobre o dilema da habitação no Brasil, mais especificamente na cidade de Mariana (MG). Com o intuito de dar voz a quem integra essa luta pelo direito à moradia e resiste à opressão das autoridades públicas, este trabalho chegou à ocupação Vila Serrinha, que hoje abriga uma população estimada em mais de 150 famílias situadas na região conhecida como Cidade Alta. No *podcast* “Se essa Vila fosse minha: relatos sonoros da Ocupação Vila Serrinha”, produto deste memorial, foram ouvidos moradores e moradoras da ocupação, com a interlocução dos produtores deste trabalho. A série de quatro episódios elucida questões constantemente silenciadas pela mídia local e pela mídia nacional, como os caminhos e condições que levaram aquelas pessoas a ocuparem aquele espaço. A discriminação que os ocupantes sofrem dentro da cidade e as constantes ameaças feitas às famílias pelos agentes públicos são os motivos centrais pelos quais este trabalho se faz necessário e este debate, urgente.

Palavras-chave: *Podcast*; habitação; ocupação Vila Serrinha; Mariana (MG); resistência.

ABSTRACT: This Course Completion Work is based on the process of construction and completion of a sound product about the housing dilemma in Brazil, more specifically in the city of Mariana (MG). In order to give voice to those who are part of this struggle for the right to housing and resist the oppression of public authorities, this work arrived at the Vila Serrinha occupation, which today houses an estimated population of more than 150 families located in the region known as Cidade Alta. In the podcast “If this village were mine: sound reports of the Vila Serrinha Occupation”, product of this memorial, residents of the occupation were heard in dialogue with the producers of this work. The four-episode series elucidates issues constantly silenced by the local and national media, such as the paths and conditions that led those people to occupy that space. The prejudice that occupants suffer within the city and the constant threats made to families by public agents are the central reasons why this work is necessary and this debate, urgent.

Keywords: Podcast; housing; occupation; Vila Serrinha; Mariana (MG); resistance.

SUMÁRIO

Introdução	5
1. Podcast	7
1.1 <i>Do rádio ao Podcast</i>	8
1.2 <i>Panorama do Podcasting no Brasil</i>	9
1.3 <i>Por que fazer um podcast?</i>	11
2. A questão da habitação no Brasil	14
2.1 <i>O conceito de habitação e a apropriação privada do solo urbano</i>	16
2.2 <i>Acesso das classes populares à habitação</i>	18
2.3 <i>Habitação em Mariana</i>	20
3. Proposta e Relatório de Produção	23
3.1 <i>Processo de Produção e Estratégias</i>	24
3.2 <i>Estrutura do Podcast</i>	26
3.2.1 <i>Roteiro</i>	27
3.2.2 <i>Edição</i>	28
3.2.3 <i>Trilha sonora</i>	29
3.3 <i>Contato com as fontes e entrevistas</i>	29
Considerações finais	33
Referências	34

INTRODUÇÃO

-Em qual ponto descemos para chegar à Ocupação Vila Serrinha?

-Vocês querem dizer “invasão”?

Essa foi a resposta do motorista do ônibus que nos levaria pela primeira vez para a Vila Serrinha. Essa fala apenas reforçou o que já sabíamos: muito havia a ser dito. Com o motorista nada dissemos, apenas balançamos a cabeça como forma de encerrar o assunto. O trânsito definitivamente não era o melhor lugar para conversarmos sobre isso.

Essa pesquisa nasce com o intuito de apresentar e discutir o problema da moradia no Brasil, mais especificamente em Mariana. Esse direito, garantido pela Constituição Federal brasileira, na prática não alcança todos. Aluguéis com preços exorbitantes, especulação imobiliária, desigualdade social. Muitas são as questões que tornam o direito à moradia um assunto delicado e que precisa ser abordado e debatido com a devida atenção. Afinal de contas, para onde ir quando não se tem um lar? Por que ocupar?

Em contraposição a uma mídia local e nacional que reforça preconceitos acerca da luta pela habitação, optamos, neste trabalho, por dar voz a quem realmente vive esse dilema. Chegamos assim à Ocupação Vila Serrinha, em Mariana (MG), próxima à uma grande região da cidade conhecida como Cidade Alta. Conversando com os moradores, percebemos que essas pessoas, assim como nós, querem acima de tudo viver e morar com dignidade. Mostrar as histórias desses sujeitos e humanizá-los passou a ser portanto um compromisso deste trabalho.

Frente a isso, o *podcast* se mostrou o meio adequado para revelar o pensamento dos protagonistas do nosso trabalho. Por ser uma plataforma de fácil compartilhamento e acesso, temos como diferencial o espaço para os próprios ocupantes narrarem suas histórias, através de vozes representativas da comunidade. A escolha do formato se dá também pelo caráter prático e acessível na execução. Somando todos os atributos do formato *podcast* ao contexto do trabalho, teremos como resultado um produto democrático.

O produto consistirá em uma "minissérie" de quatro *episódios* em que, com o uso da oralidade, quatro personagens irão narrar suas histórias. A ideia é que cada ocupante protagonize um episódio. Nas entrevistas, os moradores contarão a respeito da sua chegada à Vila Serrinha, sobre o dia a dia na ocupação e suas perspectivas futuras. A abordagem política será dada pelos entrevistados de forma espontânea, uma vez que, ao residir na ocupação, sobreviver se torna um ato político e de resistência.

Já o nosso memorial será estruturado da seguinte forma: na primeira seção, buscaremos entender a chegada do *podcast* como um formato derivado da radiodifusão, traremos um panorama deste formato no Brasil e o porquê de optarmos por ele. Já na segunda parte falaremos sobre a questão habitacional no Brasil e, mais especificamente, em Mariana. E na terceira seção iremos relatar o processo de produção, de estruturação e do período de contato e entrevista das fontes do nosso produto.

1. Podcast

O *podcasting* é definido como “um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na Internet” (PRIMO, 2005, p. 1) e surge como um fenômeno no início do século XXI. Esse processo ganha tamanha importância pelas diversas formas de interação antes inimagináveis através do rádio. O *podcast* pode ser distribuído em partes, pode conter links, imagens e afins, deixando de ser apenas um áudio, mas uma experiência multimídia.

A diferença dos *podcasts* para a radiodifusão tradicional se dá principalmente na distribuição e interação com o receptor. Enquanto na rádio só é possível acompanhar a transmissão simultaneamente, e sem direito a replay ou play/pause, o *podcast*, além das funções conjuntas de um player, é também disseminado de forma ininterrupta e independe de um transmissor fixo (PRIMO, 2005). Para escutar uma estação de rádio é necessário estar próximo a uma torre, para escutar um *podcast* basta acessar a internet de qualquer lugar.

A experimentação caseira esteve presente no início da radiodifusão nas primeiras décadas do século XX e, após a profissionalização da atividade, um retorno à experimentação e, em alguma medida, ao amadorismo pode ser observada no *podcasting* que teve seu surgimento marcado pela produção com ausência de equipamentos profissionais. Apesar dos avanços tecnológicos, muitos *podcasts* são trabalhados a partir de produção caseira até os dias de hoje. É possível produzir bons *podcasts* sem o aparato das grandes emissoras e muitos podcasters caseiros são provas disso. Para a produção de um *podcast* basta que uma única pessoa com conhecimento básico em captação e edição de áudio tenha acesso a um gravador ou microfone, como smartphones ou gravadores digitais, e um computador conectado à internet. A partir desse momento, faz-se necessário o uso de um servidor onde o programa poderá ser armazenado e distribuído.

Segundo Machado, Magri e Masagão (1987), o que impediu a manutenção do estilo mais “popular” na radiodifusão foi o fato do Estado passar a exercer controle sobre as transmissões radiofônicas. Esse controle, que teve início nos 20 anos que antecederam a obra dos autores, era feito através da exigência governamental por uma concessão para a operacionalização dessas transmissões. Para os autores, essa prática vem de um objetivo do Estado de determinar quem deveria ser emissor e receptor. “Ele [o rádio] é um sistema de controle das emissões pelo poder de Estado. A sua simples existência já é uma forma de censura, pois sua função é discriminar os que estão autorizados a falar e os que estão condenados a ouvir” (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO, 1987, p. 17).

Com a popularização dos reprodutores de áudio portáteis, a forma de consumo do *podcasting* tornou-se ainda mais facilitada. Os programas denominados “agregadores” foram os responsáveis pelo “*boom*” de downloads de *podcasts* no início dos anos 2000. Esses programas utilizam da tecnologia *feed* RSS (*Really Simple Syndication*), já comumente implementada em blogs na época.

Lucio Luiz e Pablo de Assis explicam o funcionamento do *feed* RSS:

O RSS é uma maneira de relacionar o conteúdo de um blog de forma que seja entendido pelos agregadores de conteúdo. Isso é possibilitado através dos chamados “feeds”, que trazem o conteúdo do blog codificado de maneira que esses programas compreendam e possam apresentar as atualizações automaticamente para os usuários que cadastraram o feed de seus blog preferidos. Com isso, o usuário recebe cada novo conteúdo automaticamente, não precisando mais visitar cada site para ver se já foi atualizado. (LUIZ; ASSIS; 2010, p. 2).

Sendo assim, o RSS é utilizado para distribuição e atualização dos conteúdos publicados na internet. Dentre as vantagens, o RSS permite que as informações sejam rapidamente sincronizadas, o que faz com que sites de notícias, blogs, dentre outros, optem por esse formato. Do rádio ao surgimento desta tecnologia em conjunto ao processo de *podcasting*, muitas mudanças ocorreram e a forma de se fazer rádio foi reinventada, mas não extinta. No próximo tópico falaremos um pouco sobre esse histórico.

1.1 Do rádio ao podcast

Denominado como fenômeno da internet, o *podcasting* possui as características mais comuns da cibercultura. De acordo com André Lemos (2010), são três os princípios básicos dos fenômenos que fazem parte da cibercultura: a liberação do pólo de emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração dos formatos midiáticos e práticas sociais. É possível diferenciar o rádio do *podcasting* já no primeiro princípio. O pólo transmissor se faz presente e necessário na mídia radiofônica. O emissor precisa dessa mediação, assim como o receptor. Não há rádio, ao menos à época do surgimento da cibercultura, que exista sem um pólo transmissor. “Essa relação não é mais caracterizada pela existência de um polo emissor irradiando informação para os receptores, porque no ciberespaço surgem novas formas de mediação e novos agentes que retiram das mídias de massa o monopólio da informação” (PULGA, 2019, p.26).

Sobre o conceito de cibercultura, traremos aqui Pierre Levy. Em seu livro “Cibercultura”, Levy define o termo da seguinte forma: “Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de

atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (1999, p.15). Quanto ao ciberespaço, seria um novo meio de comunicação, oriundo da rede mundial de computadores, onde estão especificados o universo de informações abrigados na infraestrutura material da comunicação digital, atingindo os seres humanos que se alimentam desse mundo digital (LEVY, 1999).

Com o surgimento da internet e a interconexão de computadores, já era comum a distribuição de arquivos de áudio. No início, era preciso acessar periodicamente os sites que hospedavam os arquivos para conferir as novas "edições" e assim realizar o *download*. A partir disso, surgiu a necessidade de automatizar o processo, dando espaço para os que conhecemos hoje como “agregadores”.

Sobre o surgimento desse formato de distribuição:

Houve algumas experiências voltadas ao download automático de arquivos de áudio, mas geralmente ligadas a empresas que também eram responsáveis pela geração de conteúdo, buscando lucro direto. Como havia dificuldade de lucrar com o sistema, essas experiências eram deixadas de lado depois de algum tempo. Com a profusão de aparelhos portáteis reprodutores de arquivos de áudio, notadamente os de formato MP3, surgiram várias novas ideias de como automatizar o acesso ao conteúdo de audioblogs e demais programas de áudio. O método que mais teve sucesso foi a possibilidade desse download ocorrer automaticamente através de programas chamados “agregadores”, utilizando uma tecnologia já empregada para blogs: o RSS (Really Simple Syndication). (LUIZ; ASSIS, 2009, p. 2)

Com a chegada do formato RSS, surgiram vários outros agregadores que também faziam o download automático dos arquivos. Essa interconexão e distribuição facilitada dos programas de áudio resultou no sistema de *podcasting*. Ben Hammersley, no jornal *The Guardian* em 2004, foi quem usou o termo pela primeira vez. À época, Ben utilizou *podcasting* para descrever a maneira como eram transmitidas as entrevistas do jornalista Christopher Lyndon, mas o termo acabou sendo empregado no novo sistema de transmissão de dados que surgira (LUIZ; ASSIS, 2009).

1.2 Panorama do podcasting no Brasil

No Brasil, o *podcast*, assim como a televisão, surgiu por meio de uma remodelagem mútua (BIANCO, 2008). Ou seja, o seu processo de surgimento não excluiu os meios antigos de comunicação e mídia, como o rádio, mas provocou uma remodelação das mídias tradicionais e apresentou uma nova forma de produzir conteúdo. A sua forma de transmissão direta (*podcasting*), que ocorre através de programas agregadores (feed RSS) (LUIZ; ASSIS,

2010), aparece como um meio digital de fácil acesso e distribuição que passa a atingir o telespectador brasileiro de forma diferente da tradicional.

A origem dos programas de *podcast* no Brasil ocorreu em 2004, mesmo ano do surgimento do *podcasting* no mundo. No dia 21 de outubro de 2004, nasceu o primeiro *podcast* brasileiro, o programa Digital Minds, produzido por Danilo Medeiros (FREIRE, 2015), que abordava temas voltados para tecnologia, música e cultura *geek*¹. Nesta data, que marca o surgimento da modalidade no país, passou a ser comemorado o Dia do *Podcast* no Brasil.²

Ainda no ano de 2004, entre os meses de novembro e dezembro, outros programas surgiram, como o *Podcast* do Gui Leite, o *Perhapiness* de Rodrigo Stulzer e o Código Livre de Ricardo Macari (FREIRE, 2015). No ano seguinte, em 2005, foi organizado o primeiro evento sobre *podcasts* no Brasil, que levou o nome de Conferência Brasileira de *Podcasts*, apelidada de PodCon Brasil e realizada em Curitiba, Paraná (LUIZ, ASSIS, 2010). Durante o evento, criou-se a Associação Brasileira de *Podcasters*, a ABPod, o que proporcionou um maior destaque para esse veículo de mídia, fortalecendo a união entre os produtores e criando base sólida para informações e pesquisas sobre o *podcast* no país.

O ano de 2008 também foi um ano marcante para o *podcast* no Brasil, pois pela primeira vez foi incluída a categoria “*Podcast*” em um dos principais prêmios brasileiros voltados para o público digital, o Prêmio ibest (LUIZ, ASSIS, 2010). O vencedor, dado através do voto popular, foi o *Nerdcast*, um programa sobre cultura nerd, surgido em 2006 e que permanece em atividade até os dias atuais. Além disso, foi também no ano de 2008 que a ABPod desenvolveu pela primeira vez a PodPesquisa, para descobrir aspectos diversos sobre os ouvintes e produtores de *podcasts* brasileiros. A ideia era apresentar um panorama desta mídia no país. As informações recolhidas na pesquisa são disponibilizadas gratuitamente no site da associação³.

A última pesquisa realizada pela AbPod foi a Podpesquisa Produtores 2020-2021, que trabalhou na coleta de dados entre março e outubro de 2020, com participação de 24 estados e com 626 respostas válidas. Essa pesquisa se destaca por ter sido feita em um período de

¹ “A cultura geek se caracteriza por um estilo de vida no qual os indivíduos se interessam por tudo que está relacionado a tecnologia, gostam de filmes de ficção científica (Star Wars, Star Trek, entre outros), são fanáticos por jogos eletrônicos e de tabuleiro e são extremamente inteligentes, assim como os nerds.” - <https://www.oficinadanet.com.br/post/18274-o-que-e-cultura-geek>

² <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=57340>

³ <https://abpod.org/>

pandemia, o que afetou significativamente os resultados. Segundo os dados apresentados, no início da pandemia, houve uma queda considerável da audiência dos *podcasts* no país, o que pode ter ocorrido devido à tensão e o medo que se espalhou com a chegada do vírus COVID-19. Entretanto, no decorrer do ano de 2020, o consumo desta mídia foi aumentando gradativamente e chegou à marca de 34,6 milhões de ouvintes no Brasil, contra 17,3 milhões em 2019, o que revelou que o *podcast* se tornou uma mídia muito consumida pelos ouvintes brasileiros.

Por outro lado, a PodPesquisa 2020-2021 mostrou também que o *podcast* ainda continua sendo produzido por uma parcela pequena e privilegiada da sociedade. Entre os produtores de *podcast* no país, 75,7% são homens, 81,3% são héteros e 58,8% são brancos. Em relação à participação de produtores por região, o Sudeste se destaca com 54,21%, mais que o dobro da segunda região com mais produções: o Nordeste com 19,10%. Ou seja, homens héteros, brancos e sudestinos continuam sendo a maioria na produção de *podcasts*, fato que implica a produção de um conteúdo menos diverso e plural.

No entanto, a renda dos produtores apresentou uma variedade interessante. A maioria deles (26,10%) ganha entre R\$ 5 e R\$ 10 mil, mas o segundo lugar neste critério (24%) foi ocupado por *podcasters* que ganham entre R\$ 1 mil e 3 mil. A maior parte desses *podcasters* (34,30%) são produtores multitarefas, ou seja, pessoas que trabalham como apresentadores, editores e produtores do próprio programa - o que também pode indicar que esta mídia não garante a eles renda suficiente para a contratação de uma equipe de funcionários. Além disso, 65,70% dos produtores fazem *podcasts* como hobby.

1.3 Por que fazer um *podcast*?

Muitas são as razões para a escolha do *podcast* para o desenvolvimento de nosso trabalho. Inicialmente, assim como boa parte dos produtores de *podcast* do Brasil, não temos recursos para desenvolver grandes produções, e, além disso, com a pandemia, não tivemos acesso ao material que a universidade proporciona, nem aos seus laboratórios. Como mencionado anteriormente, produzir um *podcast* pode ser barato, pois basta um aparelho de celular para ser usado como gravador de voz, um computador simples, para realizar as edições, internet para sua distribuição e muita criatividade. Essa mídia, portanto, permite que pessoas de classes mais baixas, como nós, produzam seu próprio programa e se desenvolvam através de aparatos acessíveis e de baixo custo.

Como apontado no tópico anterior, a maior parte dos produtores de *podcast* se incluem em uma parcela privilegiada da sociedade. Apesar de boa parte não pertencer às classes mais altas, a maioria deles são homens, brancos e heterossexuais. Este trabalho de conclusão de curso se apresenta, nesse sentido, como uma contribuição para romper essa bolha, visto que sua equipe de orientação e produção contém a presença feminina, além de ser composta também por integrantes não-brancos. Este fato contribui para uma criação de conteúdo menos restrita e que abarque visões e experiências de mundo mais plurais e diversas.

Nós, que compomos essa equipe, acreditamos ainda no constante crescimento do consumo de *podcast* no Brasil, o que é comprovado pelo aumento do número de ouvintes nesses últimos anos e percebido pela nossa experiência no dia-a-dia. Conforme o tempo passa, mais pessoas são cativadas por essa forma simples de obter informação e consumir conteúdo. Além disso, a sua fácil distribuição contribui para que o nosso trabalho possa atingir um maior público e cresça para além dos muros da universidade. Dessa forma, poderemos devolver para a sociedade os ensinamentos que colhemos dela, em uma troca generosa e construtiva.

Destaca-se também, por outro lado, a importância de se utilizar um *podcast* para tratar do tema da habitação. Este tema é de grande relevância social, mas recebe pouca atenção das mídias tradicionais, que, quando tratam do assunto, costumam espalhar mais desinformação do que mostrar a real situação da luta por moradia. Acreditamos que a democratização da informação é a base para se construir um pensamento crítico e uma visão mais clara dos acontecimentos. Por isso, a escolha pelo formato do *podcast* para abordar os problemas da habitação em Mariana (MG) é também um meio estratégico de contribuir para este debate. Em primeiro lugar pela facilidade da distribuição do produto e, em segundo, porque percebemos a necessidade de dar espaço para que as pessoas que vivenciam isto contem as suas próprias histórias. Afinal de contas, quem sofre a opressão será sempre a pessoa mais qualificada para falar sobre ela, como observou Paulo Freire:

Quem, melhor do que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor do que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais do que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 2019, p. 42)

Sendo assim, esperamos, com o nosso trabalho, elaborar um produto que dê voz aos moradores da Vila Serrinha, apresentando outra perspectiva sobre a luta por moradia, além de

experimental e divulgar uma produção plural de um programa de *podcast* que pretende contribuir, ainda que singelamente, com a importante discussão sobre moradia no país.

2. A questão da habitação no Brasil

Como citado anteriormente, a questão habitacional brasileira é um problema de grande complexidade. Se por um lado a Constituição Federal Brasileira garante, em seu artigo 6º, o direito à moradia a todos os cidadãos, por outro percebe-se, na prática, a ausência da atuação estatal na garantia deste direito. Basta uma breve caminhada pelos centros das grandes cidades brasileiras para observar a quantidade de famílias em situação de rua, vivendo em condições precárias e desumanas. Porém, nem precisamos ir tão longe, visto que o problema da habitação no Brasil não abrange apenas os que não têm casa, mas boa parte dos brasileiros que não conseguem habitar de maneira digna.

Para quantificar os problemas habitacionais e compreender a fundo a questão da habitação no Brasil, algumas instituições realizam pesquisas periódicas acerca do déficit habitacional. Segundo Boulos (2012), o déficit habitacional “é o nome que se dá para a quantidade de casas que faltam para atender todos aqueles que precisam no país” (p.13). Além da quantidade de casas, o déficit habitacional observa ainda as condições nas quais se encontram as moradias existentes no Brasil. Para isso, a Fundação João Pinheiro (FJP), instituição de ensino e pesquisa que é referência no estudo da questão habitacional no país, criou duas categorias para se pensar o déficit habitacional: a partir das necessidades quantitativas e das qualitativas, como demonstram Cymbalista e Moreira:

A Fundação João Pinheiro (FJP), em 2001, dividiu o déficit habitacional em necessidades quantitativas e qualitativas. O quantitativo representa a necessidade de construção de novas moradias (motivada por habitação precária, coabitação familiar, ônus excessivo com aluguel e necessidade de reposição por depreciação), enquanto os números qualitativos significam a necessidade de melhoria da habitação (por adensamento excessivo, inadequação fundiária urbana, carência de infra-estrutura, ou inexistência de unidade sanitária e a inadequação por depreciação). (CYMBALISTA; MOREIRA, 2006, p. 32)

Como indica o estudo, o déficit habitacional baseado em necessidades quantitativas aponta a demanda para construção de novas moradias, ao passo que o déficit habitacional baseado em necessidades qualitativas aponta questões estruturais e sanitárias, entre outros aspectos que envolvem a configuração das moradias já existentes no país. Portanto, o problema da moradia envolve não apenas os sem-teto, mas todas as condições relacionadas à experiência da habitação.

No ano de 2019, segundo dados da FJP,⁴ o Brasil possuía um déficit habitacional de 5,876 milhões de domicílios. A pesquisa apresentou o “ônus excessivo com aluguel urbano” como o principal componente do déficit habitacional do país, dado atrelado às necessidades

⁴ Disponível em <http://fjp.mg.gov.br/deficit-habitacional-no-brasil/>

qualitativas de moradia. No total, 3,035 milhões de famílias com renda de até 3 salários mínimos, utilizavam mais de 30% da sua renda para pagar o aluguel. Também merece destaque a questão das habitações precárias: são 1,482 milhão de unidades, e a coabitação está presente em 1,358 milhão dos domicílios no país.

Através desses números pode-se perceber como o atual cenário habitacional é uma questão delicada no Brasil. O problema já atinge mais de cinco milhões de famílias. Um dos fatores que influenciou fortemente esse quadro foi a rápida urbanização ocorrida no Brasil no século XX, que levou milhares de brasileiros a migrar do campo para a cidade.

Enquanto em 1960 a população urbana representava 44,7% da população total – contra 55,3% de população rural –, dez anos depois essa relação se inverteu, com números quase idênticos: 55,9% de população urbana e 44,1% de população rural. Em 1996, 78,4% da população brasileira vivia em cidades, proporção que ultrapassa os 80% atualmente. (CYMBALISTA; MOREIRA, 2006, p. 31)

Isso se deu em função do processo de industrialização que se expandiu grandemente neste período. Naquela ocasião, muitos trabalhadores do campo se deslocaram para as cidades em busca de empregos nas fábricas. Outro fator foi a mecanização do trabalho rural, que passou a dispensar uma grande quantidade de mão de obra, substituída pelas máquinas (MONTEIRO; VERAS, 2017). No entanto, as cidades não estavam preparadas para receber esse elevado número de pessoas em tão pouco tempo e não houve um planejamento urbano para que isso ocorresse de maneira adequada. A nova população urbana foi obrigada a encontrar alternativas para viver nas condições que lhe eram impostas. Passaram, assim, a se submeter a trabalhos informais e a subempregos, além de se alojarem em domicílios superlotados e precários, como cortiços, por exemplo.

Portanto, a forma como ocorreu o processo de urbanização, juntamente com o crescimento das cidades, implicou na precariedade nas formas de habitar do homem. Todo esse processo resultou em mudanças na estrutura urbana das cidades e em transformações no modo de morar da população, pois estas não estavam preparadas para abrigar esse elevado quantitativo de pessoas e muito menos o setor industrial e o de serviços conseguiu absorver toda essa população (MONTEIRO; VERAS, 2017, p. 5).

Indignados com essa situação de abandono, nunca socorridos pelo poder público, diversos setores sociais se organizaram para lutar por moradia e pela democratização do espaço urbano. O Movimento pela Reforma Urbana é um dos exemplos de organização que lutou pelas questões habitacionais. Ele era composto por profissionais da área, como arquitetos e urbanistas, além de entidades sindicais, e obteve importantes conquistas como a aprovação do Estatuto da Cidade, uma legislação voltada para as políticas habitacionais.

Outra conquista foi a criação do Ministério da cidade, visando a uma política urbana democrática que contasse com a participação popular (SILVA, 2019).

Observando a atuação estatal no Brasil, é possível perceber que foram desenvolvidos apenas dois programas de habitação de fato relevantes: o BNH (Banco Nacional de Habitação), criado durante o governo militar, no ano de 1964, e o Minha Casa Minha Vida, lançado em 2019, durante o governo Lula (BOULOS, 2012). Cada programa possui suas características próprias, entretanto, em um contexto geral, pode-se afirmar que, apesar dos benefícios trazidos por eles - principalmente pelo programa Minha Casa, Minha Vida -, a questão da moradia permaneceu complexa para os brasileiros de baixa renda, que, apesar de muito trabalho, continuam tendo grandes dificuldades para obter a casa própria, ou qualquer moradia digna.

2.1 O conceito de habitação e a apropriação privada do solo urbano

A habitação é um direito de grande relevância na vida de cada cidadão. É a partir dela que os sujeitos conseguem exercer com dignidade os seus direitos mais básicos, como se alimentar, dormir, garantir a higiene pessoal e viver com segurança. Além disso, é na moradia que as famílias constroem as suas rotinas, compartilham suas experiências, formam laços, recebem amigos e vivem seus momentos de descanso e de lazer. A habitação é necessária até mesmo para que se possa adquirir outros direitos, como educação, trabalho e saúde. Em todos esses setores da sociedade é exigido um comprovante de residência para que se possa usufruir desses serviços.

Reconhecendo esse papel essencial da habitação na vida dos cidadãos, a Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) legitimou a habitação como direito internacional em seu art. 25. No Brasil, dois marcos jurídicos foram muito relevantes para a questão da moradia: a Constituição Federal de 1988, que assegurou o direito à moradia em seu artigo 6º, e a criação do Estatuto da Cidade (lei 10.257 de 2001), que regulou o uso da propriedade urbana em função do bem coletivo, além de regulamentar o capítulo da Política Urbana na Constituição Federal (MONTEIRO; VERAS, 2017).

Entretanto, mesmo com este direito garantido em lei nos âmbitos nacional e internacional, percebe-se claramente a defasagem do usufruto deste direito, principalmente na realidade dos cidadãos mais pobres. Se a moradia é um direito, devia ela ser assegurada a todos, mas, no contexto de uma sociedade capitalista, outros aspectos influenciam na regulação deste bem. Em uma sociedade na qual o poder é assegurado a quem detém a

propriedade, a habitação passa a tomar status de capital, visto que é a partir do patrimônio que se criam os meios de produção para a consequente geração de renda. A partir disso, ser dono de uma grande quantidade de terras é possuir meios para a produção do capital, fato que, dentro de um sistema capitalista, evidencia um lugar de privilégio, como observa Silva:.

Ao assumir *status* de capital, é estabelecida toda uma rede de relações que contribui para que o solo se concentre nas mãos de grandes empresas oligopolistas, tanto no meio urbano, quanto no rural. Por outro lado, a terra extrai o valor do trabalho alheio, fazendo com que toda a sociedade contribua para a sua valorização. Nesse sentido, a valorização do solo é fruto do trabalho social, sendo que a sua apropriação se dá de modo privado. (SILVA, 1989, p. 28)

A apropriação privada do solo parte, então, do desejo de acúmulo de capital. No entanto, para se adquirir uma propriedade, tendo em vista o seu alto valor, é necessário já possuir anteriormente uma grande renda. Dentro deste ciclo, fica claro que, sem a intervenção do Estado, apenas quem já possui boas condições financeiras consegue comprar terras sempre que julgar conveniente e, assim, manter suas riquezas.

Especialmente no contexto urbano, uma estratégia comum para valorizar ainda mais a terra é a especulação imobiliária. Esse movimento prevê a compra ou manutenção de um espaço, sem uso, que possa, num futuro próximo, ser valorizado e vendido com lucro em função de melhorias no seu entorno. Como citado anteriormente, a urbanização é crescente no Brasil desde o século XX, e, atualmente, cidades seguem se desenvolvendo e crescendo cada vez mais, o que, por consequência, gera uma valorização e um aumento de preços das propriedades urbanas. Todavia, a especulação imobiliária, apesar de render bons frutos para o dono da terra, é prejudicial para a questão da moradia no país, visto que, quando famílias ricas acumulam propriedades, as casas deixam de cumprir sua função social de moradia, já que pessoas mais pobres seguem sem ter onde morar.

O solo urbano, em economias de mercado, além de base material de apoio para o capital, é utilizado como reserva de valor, dando origem ao processo de especulação imobiliária, aqui entendido como estocagem de lotes e glebas à espera de valorização, fazendo com que o tecido urbano seja permeado por imensos vazios e por uma expansão horizontal desnecessária. Em consequência [...] o aumento do preço do solo urbano tem limitado, crescentemente, as possibilidades de habitação para os segmentos de renda mais baixa, na medida em que os solo de habitação são repartidos desigualmente entre as diversas classes sociais, reproduzindo a concentração de renda, além disso, também, sendo deixados ociosos como estoque a ser valorizado. Daí o caráter anti-social de sua apropriação. (SILVA, 1989, p. 29)

Diante disso, segundo Boulos (2012), no Brasil não faltam casas para as famílias mais pobres, há na realidade, mais casas do que famílias para morar nelas. Ou seja, mesmo sobrando casas, ainda há tantas pessoas sem moradia, ou vivendo em condições insalubres.

Frente a isso, fica claro a importância do papel do Estado na regulação efetiva das questões habitacionais no país. É obrigação do Estado criar possibilidades de acesso das classes populares à habitação e também combater movimentos, como o da especulação imobiliária, que descaracterizam a função social da moradia.

2.2 Acesso das classes populares à habitação

Conforme citado anteriormente, o contexto habitacional brasileiro foi e ainda é atravessado por questões socioeconômicas e estruturais muito complexas. Apesar dos marcos jurídicos já mencionados, sendo o principal deles o artigo 6º da Constituição Federal de 1988, o direito à moradia foi e continua sendo um privilégio das classes mais altas.

Trabalhadores e trabalhadoras mais pobres são os(as) que mais sofrem dentro da problemática habitacional. A causa é a falta da moradia ou, para aqueles que residem na periferia das cidades, a ausência de estrutura e saneamento básicos (BOULOS, 2012). Foi justamente diante da sujeição do espaço urbano pelo capital e do *boom* populacional vivido no Brasil de 1960 até o fim da década de 70, que se criou, como já mencionado aqui, uma das mais importantes instituições para o financiamento habitacional no país, o Banco Nacional de Habitação (BNH) (CYMBALISTA; MOREIRA, 2006).

Buscando alcançar o apoio das classes populares, que constituíam e ainda constituem a maior parte da população brasileira, a ditadura militar desenvolveu o BNH. O programa nasce para “aproximar” as classes mais baixas com a ditadura e gerar simpatia ao governo dos militares (BOULOS, 2012). O banco fazia parte do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), criado com o objetivo de garantir a execução do Plano Nacional de Habitação, de acordo com Nalin (2013). O BNH, em tese, deveria viabilizar o financiamento para as classes de menor renda na aquisição da casa própria.

Maria de Jesus Venâncio Silva (2019) demarcou três fases na trajetória histórica do SFH e do BNH. A primeira, entre os anos 1964 e 1969, ficou conhecida pela criação e amplificação das Companhias de Habitação Popular (COHAB's) do próprio BNH, marcadas pelo número relevante de moradias financiadas destinadas às classes populares (SILVA, 2019). Já a segunda fase, entre 1970 e 1974, caracteriza-se pela crise do SFH perante a inadimplência daqueles que haviam contratado os financiamentos já realizados (MOTTA, 2011).

A segunda fase, de 1970 a 1974, consistiu em um esvaziamento e uma crise do SFH, sobretudo devido à perda do dinamismo das COHABs, que se tornavam financeiramente frágeis devido à inadimplência causada, principalmente, pela perda

do poder de compra do salário mínimo, situação que atingia seus principais mutuários, oriundos das camadas pobres. Isso fez com que os financiamentos passassem a ser, cada vez mais, destinados às famílias de classe média, uma vez que os juros para essa camada eram mais altos e o índice de inadimplência, se comparado com o das classes mais pobres, era menor. (MOTTA, 2011, p.5)

Após essa guinada nos juros dos financiamentos, restou para as classes populares as divisões de terra clandestinas e as favelas (SILVA, 2019). Na terceira e última fase, dos anos 1975 à 1980, houve mudanças estruturais nas COHAB's. Ocorreu um novo aumento no número de moradias construídas, mas essas, em grande parte, tinham como público a classe média.

Com seus investimentos comprometidos após uma nova crise econômica na década de 1980, o SFH acaba por extinguir o BNH. O fechamento do programa se dá no contexto de redemocratização do Brasil, após a saída dos militares do poder. Com o encerramento do BNH, seus contratos foram transferidos para a Caixa Econômica Federal (CEF). O desempenho do programa foi pífio diante da real necessidade de moradias no país à época, segundo Cymbalista e Moreira: “Apenas 33,6% das unidades habitacionais foram destinadas aos setores populares, sendo que a população com rendimento entre um e três salários mínimos foi contemplada com menos de 6% dos totais de unidades habitacionais” (2006, p. 35).

Após o fim do Banco Nacional de Habitação, o Brasil ficou por mais de 20 anos sem outra política habitacional de tamanha relevância. Esse jejum teve fim no ano de 2009, quando, durante o governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) foi lançado. O programa do governo petista foi desenvolvido dentro da mesma lógica do BNH e visava oxigenar o capital imobiliário, que até então acabara de passar pela maior crise econômica deste século. No contexto da crise de 2008, que afetou principalmente os Estados Unidos, o Minha Casa, Minha Vida injetou R\$ 34 bilhões de recursos do estado no capital privado (BOULOS, 2012).

O PMCMV simbolizou o que seria uma fusão de recursos públicos com o mercado de construção civil. Houve uma expansão em grande escala do ramo imobiliário e a ligação com o interesse das grandes construtoras sobressaiu ao interesse das classes de baixa renda (SILVA, 2019). No início, o programa teve como objetivo alcançar famílias com renda de até dez salários mínimos e, antecipando problemas referentes à inadimplência de mutuários, as parcelas eram determinadas de acordo com a renda de cada família. Eram algumas das diretrizes do PMCMV: desoneração fiscal, diminuição do custo do seguro e, em casos de financiamento, pagamento de entrada opcional, entre outras (SILVA, 2019). Em um segundo

momento, após passar por revisão, o Minha Casa, Minha Vida buscou por objetivos e metas ainda maiores, além de reajustar os valores do programa de acordo com a renda dos optantes.

Para Boulos (2012), o programa se assemelha ao BNH por ter como verdadeiro foco aliviar as contas do mercado - e, em relação aos atendidos pelo PMCMV, deixou muito a desejar. Isso porque as famílias com renda maior que três salários mínimos foram atendidas por 60% das habitações construídas pelo programa e irrigadas com 75% dos recursos totais. Já os optantes com renda menor que três salários mínimos ficaram com apenas 40% das habitações. Apesar das contradições, o Minha Casa, Minha Vida representou um marco na luta por moradia no Brasil.

São muitos os desafios que tangenciam a questão habitacional brasileira, principalmente quando falamos daqueles que vivem à margem do sistema capitalista. Por isso a mera construção desenfreada de moradias não seria suficiente.

Esta análise nos leva ainda a outra conclusão. A de que não basta simplesmente construir conjuntos habitacionais. Mesmo se aumentasse o recurso do programa para famílias mais pobres – como prometeu a segunda fase do Minha Casa, Minha Vida – permaneceriam grandes obstáculos. Enquanto não se combater a especulação imobiliária, que faz valorizar artificialmente o preço dos terrenos e, assim, joga os mais pobres para mais longe, e se garantir outras condições básicas de vida (infraestrutura, serviços, lazer, etc.) não se pode falar em moradia digna (BOULOS, 2012, p. 23).

2.3 Habitação em Mariana

Segundo a historiadora Cláudia Damasceno Fonseca (1995), Mariana passou a ter seu espaço urbano desenvolvido a partir do século XVII, quando Salvador Furtado e Miguel Garcia encontraram ouro no Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, em 1696. Com a descoberta, as margens do ribeirão se tornaram palco do início da urbanização marianense e logo um povoado se formou. Fonseca (1995) afirma que, em 1711, Mariana já havia se tornado uma vila, o que acarretou na definição de sua área como novo município e também na delimitação do rossio. O rossio era a área pública da vila, cuja administração cabia à Câmara Municipal (FONSECA, 1995).

Três décadas após se tornar vila, Mariana recebeu a sede do novo bispado e passou a ser chamada de cidade. “[...] em 1745 concretizou-se a criação do bispado. Neste mesmo ano, a vila foi elevada à categoria de Cidade de Mariana, em homenagem à D. Maria Anna D^a Áustria, esposa de D. João V.” (FONSECA, 1995, p. 36). Com a mudança de nomenclatura, o engenheiro militar José Fernandes Alpoim foi chamado para desenvolver o plano urbanístico

da cidade, documento esse que continha os desenhos do município, como edifícios, praças, moradias e ruas (MAIA, 2017).

Apesar da criação do plano urbanístico, Mariana passou por um processo de expansão populacional truculento, que resultou em um crescimento desordenado da sua área urbana, conforme explica Tavares:

Como consequência do aumento populacional e da falta de planejamento urbano, as cidades de Ouro preto e Mariana e o distrito de passagem de Mariana passaram a sofrer um processo de expansão desordenada. Em Mariana, além das ocupações das encostas, ocorreu também a ocupação das margens e planícies de inundação do Ribeirão do Carmo. (TAVARES, 2006, p. 4)

Mesmo com o *boom* populacional e as ocupações ribeirinhas, Fonseca (1995) ressalta que Mariana passou por poucas alterações durante o século XIX. Já no início do século XX, com a construção da estrada de ferro, a configuração de uma parte da cidade já começou a mudar. “Era o início da “cidade nova”, como seria conhecida, mais tarde, esta parte da cidade”. (FONSECA, 1998, p. 54)

Alguns anos após a chegada da estrada, em 1960, vieram as empresas mineradoras Samitre, Companhia Vale do Rio Doce e Samarco. A princípio, o objetivo das empresas era a exploração de minério de ferro (MAIA, 2017) e, nas primeiras décadas de trabalho, já era notório o rápido crescimento demográfico na cidade (GRACINO JÚNIOR, 2005). Trabalhadores e desempregados de outros municípios começaram a migrar para Mariana em virtude das oportunidades no campo da mineração. Muitos deles não eram considerados mão-de-obra qualificada para o mercado, mas permaneceram na cidade mesmo após a instalação das empresas (FONSECA, 1995). De 1970 a 1980, a população marianense cresceu de 7.720 habitantes para 12.853, uma diferença de mais de cinco mil pessoas (GRACINO JÚNIOR, 2007).

Com o processo de instalação das mineradoras finalizado e a chegada dos trabalhadores e suas famílias, iniciou-se o planejamento e construção das vilas operárias. As vilas eram destinadas aos trabalhadores das mineradoras e, neste mesmo período, surgiram outros bairros nas periferias de Mariana e nas encostas dos rios, as chamadas “prainhas” (GRACINO JÚNIOR, 2005). Esses bairros ribeirinhos eram resultado do processo de ocupação sem planejamento e sem amparo do poder público. Nessas regiões, concentravam-se, assim, as populações mais pobres que vieram de zonas rurais ou de outros municípios (GRACINO JÚNIOR, 2005).

Durante o processo de expansão dessas ocupações irregulares, em 1974, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), juntamente com a Fundação João Pinheiro pautaram a criação de um Plano Diretor. Mesmo que a necessidade do plano fosse evidente, não houve apoio financeiro e político (SILVA, 2019). Segundo, Cymbalista e Cardoso (2006), o Plano Diretor é uma ferramenta de controle de ocupação e uso do solo urbano amparada por parâmetros urbanísticos. Após a falha na primeira tentativa de criação do plano, em julho de 2003, durante o governo do prefeito Celso Cota Neto, Mariana teve o seu Plano Diretor aprovado pela Câmara Municipal e instituído em lei (SILVA, 2019).

Junto ao Plano Diretor, foi criado também o Programa Mariana Legal, por meio do qual, através de ações promovidas pelo poder público, em conjunto com o setor privado, várias áreas de ocupações foram consideradas irregulares. Entretanto, o foco do programa não estava nas famílias dessas comunidades." O Programa Mariana Legal tem por foco a demolição de edificações e a remoção de famílias, sem vincular essas ações à necessidade de demarcação de áreas dotadas de infraestrutura para a sua relocação" (SILVA, 2019, p. 32). A partir do Plano Diretor, foram desenvolvidas outras políticas públicas voltadas para a questão habitacional marianense.

Além do programa habitacional previsto no Plano Diretor, pode-se destacar outras política pública de habitação de Mariana, ao longo do século XXI, como: o Fundo Municipal de Habitação, o Programa Municipal de Regularização Fundiária (PROMORAR); o Conselho Municipal de Habitação; o Programa de Habitação previsto na Lei Orgânica Municipal; o Programa Arrumando a Casa; a Lei de Cessão de Moradia; a Lei de Auxílio- Moradia e o Decreto de Concessão de Moradias Populares. (SILVA, 2019, p. 32)

Assim, conforme apontamos nesta abordagem, alguns programas habitacionais, tanto na esfera nacional como na municipal, tiveram alguma relevância na luta por moradia no Brasil, mas nenhum buscou sanar o problema de forma direta, atacando os interesses do capital. O Estado foi e é subserviente ao interesse das grandes empreiteiras e empresários, fazendo com que o direito à habitação seja utilizado como *lobby* entre políticos e a elite. As ocupações irregulares são frutos desse “jogo” e, enquanto a classe trabalhadora só enxergar nelas a única alternativa que se assemelhe a um lar, continuarão ocupando.

3. Proposta e Relatório de Produção

Nesta terceira seção, será apresentado todo o processo de produção que resultou no *podcast* "Se essa Vila fosse minha: relatos sonoros da Ocupação Vila Serrinha". Aqui vamos destrinchar cada fase deste processo, desde o primeiro contato com as fontes até as entrevistas, a criação dos roteiros, as edições dos episódios e tudo que envolveu a execução deste trabalho. De maneira geral, tentaremos demonstrar as minúcias dessa experiência de fazer um produto em formato de *podcast* como Trabalho de Conclusão de Curso dentro do jornalismo.

Como citado anteriormente, trataremos, neste trabalho, das experiências vivenciadas pelos moradores da Ocupação Vila Serrinha, localizada na cidade de Mariana, em Minas Gerais. Nossa intenção foi, desde o início, dar protagonismo às histórias dessas pessoas, que são, muitas vezes, tratadas com descaso pelo poder público e invisibilizadas pela mídia. Isto porque, não raras vezes, os veículos midiáticos tendem a representar essas pessoas em um lugar de marginalização e violência, reduzindo suas experiências a condutas ilegais. Esse fator contribui para a criação de um imaginário social que passa a conceber esses sujeitos como seres que não merecem relevância, apenas desprezo e condenação, como observam Angie Biondi e Ângela Marques:

(...) apesar da constante utilização de um léxico que geralmente pretende conferir-lhes visibilidade, as imagens [midiáticas] ainda tendem a invisibilizá-los a partir da reiteração de uma lógica de registro que considera discursos já enraizados sobre pobreza, dependência, vulnerabilidade e estigmas de gênero. (...) Assim, mesmo ganhando “visibilidade” nas páginas de jornais, sujeitos e grupos mais vulneráveis não se tornam socialmente inteligíveis e visualmente reconhecíveis. Como se esses sujeitos e grupos fossem menos dignos de valor diante do olhar de um espectador que presumivelmente os interroga e avalia seus modos de vida e condutas (BIONDI; MARQUES, 2020, p.3).

Portanto, pretendemos com este produto, garantir a esses sujeitos um espaço para que eles possam falar, contar suas histórias, mostrar as suas perspectivas e relatar suas experiências na luta por moradia. A partir desse objetivo principal, foram traçados os caminhos e as escolhas que resultaram neste *podcast*. Assim, nos próximos tópicos, apresentaremos cada passo tomado para o desenvolvimento desse trabalho e relataremos as nossas experiências durante todo o processo.

3.1 Processo de produção e estratégias

Durante a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, quando tivemos a oportunidade de compreender os processos da escrita acadêmica e de decidir sobre o nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ficamos instigados com a possibilidade de fazer um produto. Nosso grande desejo era desenvolver um documentário, com imagens e sons que demonstrassem fielmente a realidade dos moradores de uma ocupação. No entanto, fomos alertados para um fator grave, que poderia nos impedir de desenvolver um trabalho que exige tanta presença: a pandemia do COVID-19. Por causa da pandemia, nossas aulas vinham sendo desenvolvidas de maneira remota e não seria possível fazer trabalhos que envolvessem contatos diretos com a fonte. Decidimos, inicialmente, desenvolver, então, uma grande reportagem em formato multimídia, que conseguisse abordar de maneira fiel um tema que nos parecia muito sensível.

Mas depois de longas conversas com nossa orientadora, percebemos que o *podcast* seria uma opção interessante para o propósito que queríamos atingir com o nosso trabalho. Pesquisamos acerca desse meio de comunicação e descobrimos que, diferentemente do que pensávamos, ele não está presente fortemente apenas no ambiente acadêmico. Ao contrário: vem crescendo e furando bolhas, acessando um público cada vez maior e conquistando o gosto dos brasileiros. O nosso medo, inicialmente, era fazer um produto restrito, que não atravessasse os muros da universidade. Porém, em um contato mais profundo com o tema, foi possível perceber como esse gênero tem se tornado popular e bastante utilizado pelos canais de comunicação. Além disso, desenvolver um *podcast* nos custaria pouco e ainda poderia trazer ao público as vozes de nossos entrevistados, o que contribuiria para causar aquela sensação de proximidade com o interlocutor.

No tocante ao tema, a questão da moradia sempre foi algo que nos chamou atenção, principalmente quando nos mudamos para Mariana. Isto porque, nesta cidade histórica, o valor dos aluguéis são exorbitantes, assemelhando-se aos preços cobrados pelo mercado imobiliário nas grandes capitais. Muitas vezes chegam a ser superiores aos valores de Belo Horizonte, por exemplo. Na nossa experiência, foi graças aos programas de assistência estudantil da UFOP que conseguimos garantir moradia gratuita nos alojamentos da faculdade. Ainda assim, acompanhamos de perto o sofrimento de nossos amigos que enfrentavam os altos valores de moradia da cidade. Por muito tempo, a pergunta que ressoava em nossa cabeça era: “Como os moradores da cidade conseguem pagar aluguéis tão altos, superiores ao valor do salário mínimo?”. Pensando nessa questão, chegamos às ocupações, que é uma das

alternativas encontradas por muitos marianenses que precisam de um lugar para morar.

Já com o tema e o formato decididos, realizamos uma pré-apuração e conseguimos o contato do presidente da Associação de Moradores do Bairro Santa Clara, Abel Vilela. Através dele, entre um contato e outro, chegamos ao Richard, primeiro morador da Ocupação Vila Serrinha. Ainda na pandemia e sem vacinas, iniciamos nossos contatos por telefone e tivemos conversas longas com Richard, que nos guiou bastante nesse início de trabalho. O Richard é uma importante figura da Ocupação: ajudou a construir casas, defende as famílias de lá com unhas e dentes e está sempre à frente de todas as reivindicações feitas pelos moradores da Vila Serrinha.

Alguns meses depois, quando os riscos da pandemia começaram a diminuir, subimos até a Vila Serrinha para fazer nossa primeira visita e conhecer de fato aquele lugar e aquelas pessoas. Pegamos um ônibus na região central da cidade e fomos até o bairro Cabanas, ponto mais próximo da entrada da Vila Serrinha. Do ponto até a entrada da ocupação, fizemos ainda uma caminhada de cerca de 10 minutos. Logo na primeira casa, encontramos o Richard já de saída. Ele nos prometeu uma conversa em breve. Continuamos a caminhada e nos encontramos com algumas mulheres sentadas na porta de uma pequena mercearia, que observavam suas crianças brincarem na rua. Conversando com elas, descobrimos outras fontes que poderiam nos ajudar e, assim, fomos passando de casa em casa, coletando informações.

Como já mencionamos, nosso trabalho foi pensado a partir do seguinte formato: quatro episódios, cada um com a história de um morador ou moradora da vila, composto por narrativas constituídas de sonoras, a partir das entrevistas, e da nossa locução, com as informações adicionais para complementar e estruturar cada conteúdo. Para isso, precisaríamos de quatro moradores que estivessem dispostos a contar suas respectivas histórias para a gente. Percebemos, no entanto, um certo receio dessas pessoas durante essa primeira visita. O medo de falar e sofrer eventuais represálias fez com que alguns moradores se negassem a participar – fato totalmente compreensível, considerando a violência sofrida por muitos daqueles que hoje ocupam aquele espaço. Por outro lado, outros moradores se sentiram à vontade para falar. Alguns até faziam questão de aparecer para denunciar os abusos sofridos. Assim, conseguimos algumas fontes interessantes, que serão melhor relatadas mais adiante, no tópico 3.3.

Com esses contatos em mãos, criamos uma lista de perguntas, marcamos nossa primeira entrevista e retornamos à Vila Serrinha, dois meses depois. Na oportunidade, entrevistamos o protagonista do nosso primeiro episódio, Adilson, um jovem ativo na luta por moradia e um

dos primeiros moradores da vila. É importante ressaltar que, neste momento, a vacinação contra o COVID-19 vinha avançando e o contato mais próximo com os moradores tinha se tornado mais seguro. A nossa preocupação, a partir daquele momento, foi pensar nos próximos passos: entrevistar, gravar, roteirizar e editar.

3.2 Estrutura do *Podcast*

A escolha do *podcast* como formato deste trabalho se deu, conforme ressaltamos na primeira seção, em função de seu caráter acessível, de fácil distribuição e, principalmente, pela possibilidade de ter as fontes narrando suas próprias histórias. Tendo em vista que o objetivo era trazer os personagens para dentro da narrativa de forma mais ativa e utilizando de suas próprias vozes, a minissérie “Se essa vila fosse minha” recorreu a técnicas e metodologias do que conhecemos como radiojornalismo narrativo.

Para entendermos melhor os fios condutores do conceito de radiojornalismo narrativo, recorremos a Kischinhevsky, para quem essa modalidade de jornalismo investe “na apuração em profundidade, ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração destes personagens em diversos momentos dos episódios, sem a restrição de tempo” (KISCHINHEVSKY, 2018, p.70). O que diferencia este formato dos já conhecidos radiodocumentários seria a produção seriada, fazendo alusão à radiodramaturgia, mas apoiado na vertente informativa, não ficcional.

É importante entender que o *podcast*, na condição de um meio sonoro, possui características imersivas potentes, que foram utilizadas em larga escala neste trabalho. Luana Viana (2018), ao mencionar esse caráter imersivo do áudio, resalta a possibilidade de aproximação do ouvinte com as histórias a partir da imaginação, de forma a reproduzir as situações vivenciadas na narrativa. “A narrativa radiofônica possui elementos que contribuem de forma fundamental para uma imersividade, como a possibilidade de reconstituição sonora de áudios históricos, a entonação e o envolvimento emocional que a voz humana pode proporcionar” (VIANA, 2018, p.8).

Para diferenciarmos de forma concreta o radiojornalismo narrativo do radiojornalismo, cabe aqui demarcar o processo de produção de cada formato. Enquanto o radiojornalismo tem o enfoque nas notícias, trazendo boletins, matérias e pautas em geral quentes, o radiojornalismo narrativo se destaca pelo uso intensivo dos personagens dentro das narrativas (VIANA, 2020), ou seja, dando mais espaço e dedicando mais tempo as falas dos atores. A ideia de narratividade no rádio consiste no uso de angulações dos acontecimentos

para construir as histórias, podendo o jornalista participar dessa estruturação enquanto entrevistador, narrador etc, mas garantindo um espaço maior para os personagens.

Além desses aspectos relacionados ao radiojornalismo narrativo, também nos dedicamos à técnica de *storytelling*, outra escolha importante no processo de produção de nosso podcast. Em uma tradução direta, como assinalam Karenine Rocha Cunha e Paulo Matello, o storytelling seria “algo próximo à contação de histórias, situação na qual o jornalista é contador (teller) e o fato apurado (story) é o que deve ser narrado. Ainda em inglês, matéria [jornalística] (...) é story” (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 58). O uso dessa técnica se dá pela sua essência humanizada.

Os recursos utilizados no *storytelling* recorrem à humanização quando evocam sentimentos e emoções por parte dos ouvintes. Isso ocorre quando os consumidores são tensionados na medida em que a descrição dos personagens é feita de forma íntima e sensibilizada (VIANA, 2020). Trata-se de uma técnica já universalizada, presente em diversos formatos midiáticos. Sua rápida disseminação se deve a seu poder narrativo e estético fundado na ideia de recriar cenas e personagens, como observam Cunha e Mantello:

Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual, para que ele se identifique com o relato e goste do texto jornalístico como apreciaria um texto mais elaborado, propriamente literário ou poético. (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 58)

Uma vez pensada a estrutura, passamos a nos dedicar ao roteiro, como mostraremos na subseção seguinte.

3.2.1 Roteiro

A construção dos roteiros foi pensada também com base nos recursos do radiojornalismo narrativo e da técnica de *storytelling*. Utilizamos passagens sonoras curtas das entrevistas no início dos episódios, de modo a chamar a atenção do interlocutor para o tema da narrativa construída. Intercalamos áudios externos, coletados nas visitas à Vila Serrinha, com *offs*, onde trabalhamos informações objetivas ou descrição das cenas e personagens.

Como é característico do formato narrativo escolhido, as passagens sonoras dos entrevistados não seguem um recorte padrão. Utilizamos passagens mais longas ou mais curtas no decorrer da entrevista, de acordo com ritmo e com conteúdo das falas de cada fonte. Nas sonoras externas, há a constante aparição de sons e ruídos do ambiente: crianças,

veículos, construções, conversas. Tudo isso está inserido na potencialidade imersiva do áudio, o que foi amplamente explorado nos episódios e se faz propositadamente presente nos roteiros.

As informações de cunho elucidativo sobre questões abordadas nas entrevistas estão presentes nos *offs*. Com a intenção de inserir também um caráter informativo ao trabalho, utilizamos fontes externas à Vila Serrinha, como notícias de veículos de comunicação, órgãos públicos, comunicados e leis. Para localizar os ouvintes e humanizar a narrativa, também nos utilizamos das sonoras internas para descrever os locais, as pessoas, os personagens e pontuar acontecimentos ocorridos durante as entrevistas, como, por exemplo, eventuais interrupções por parte de agentes externos.

Os roteiros, portanto, foram desenvolvidos com foco na história de cada personagem e as informações adicionais surgiram a partir dos temas que os próprios entrevistados abordaram. Nossa intenção no processo de elaboração do roteiro foi construir uma linha narrativa que valorizasse pontos importantes da vida de cada um e que elucidasse ao público questões internas daquela comunidade, através das intervenções dos apresentadores. Cada personagem demandou um trabalho específico de construção narrativa, de acordo com a maneira com que a pessoa se expressava e apresentava as informações. Mas, no fim, buscamos manter a identidade do programa que visava uma conversa informal e intimista, e que aproximasse o ouvinte dos entrevistados ao mesmo tempo em que informava sobre questões sociais relevantes.

3.2.2 Edição

Para editar os episódios, a partir da montagem das passagens sonoras externas, internas e trilha sonora, utilizamos o software de tratamento de áudio *Audition*, da Adobe. Procuramos reduzir ruídos que apareceram na gravação dos *offs* e nos atentamos para equalizar o volume com as sonoras externas. A intenção foi evitar a discrepância entre os áudios externos, mais sujeitos a interferências sonoras, e os áudios dos ambientes internos.

Também utilizamos, no início de cada episódio, um “bip” para separar trechos das falas dos entrevistados, recurso comumente usado em alguns *podcasts* como o *Mano a Mano*, programa de entrevistas apresentado pelo artista Mano Brown. O intuito foi criar demarcações entre as sonoras iniciais que fariam a abertura do nosso produto e as demais. Entendemos também que a trilha sonora seria indispensável para o trabalho. Fizemos uso da canção “Abrigo de Vagabundo” (ADONIRAN BARBOSA, 1974) não só para abrir e encerrar os

episódios, mas também para marcar as transições entre os assuntos abordados dentro da narrativa.

A edição dos quatro episódios se mostrou desafiadora, uma vez que as gravações captadas na Vila Serrinha sofreram inúmeras interferências em decorrência do som de carros, motos, caminhões e pessoas que passavam pela região, entre outros ruídos. Apesar de contarmos apenas com o gravador dos celulares para efetuar essa captação, a qualidade e a nitidez na voz dos entrevistados garantiu que a edição fosse possível, permitindo a finalização de um produto de fácil compreensão.

3.2.3 Trilha sonora

Escolhemos como trilha sonora para o nosso trabalho a música “Abrigo de Vagabundo”, de Adoniran Barbosa, do álbum de 1974, que leva o nome do artista. A escolha se deu em função da letra da canção, que, em diversos momentos, faz alusão à questão da moradia e às dificuldades enfrentadas por pessoas de baixa renda na busca por esse direito. O cantor e compositor conta a história de um operário que consegue fazer uma poupança com o seu salário, obtido em uma fábrica de potes de cerâmica, e que usa o dinheiro para comprar um lote, onde depois construiria a sua casa. No enredo, o trabalhador enfrenta dificuldades para iniciar as obras, pois a construção não estava legalizada. Em um dado momento – de felicidade –, um amigo desse operário, funcionário da Prefeitura, “arranja” tudo para ele. Ao final da canção, o autor revela que, após essa conquista, o trabalhador passa a oferecer a sua casa para os “vagabundos que não têm onde dormir” (ADONIRAN BARBOSA, 1974).

3.3 Contatos com as fontes e entrevistas

Como relatado no tópico 3.1, conseguimos chegar às fontes que se tornaram protagonistas dos episódios a partir do contato com a Associação de Moradores do bairro Santa Clara, um dos bairros da região chamada Cidade Alta, em Mariana. A região, que possui cerca de 12 mil moradores, abrange também bairros como Cabanas, Santa Rita de Cássia e Vale Verde⁵. Através desse contato com a Associação, fomos levados então a conhecer o primeiro morador da Vila Serrinha, Richard Oliveira, ou “Espetinho”, como é conhecido na região. O nosso contato com Richard se iniciou por telefone, momento em que

⁵ Disponível em:

<https://www.coletivomica.org/single-post/jornal-comunidade-em-alta-%C3%A9-lan%C3%A7ado-em-mariana>

ele demonstrou muito interesse em participar do trabalho em função da necessidade que ele via de se divulgar as violências já sofridas pelos moradores da Vila. Entretanto, ao tentarmos um contato mais próximo, Richard se mostrou acuado e passou a negar nossos pedidos de entrevista, alegando estar muito ocupado. Em nossa primeira visita à Vila Serrinha, tentamos conversar com ele, mas, com visível insegurança, Richard disse que naquele dia estava muito sem tempo.

Para não perder a viagem, seguimos batendo de porta em porta e, assim, conhecemos Adilson, também um dos primeiros moradores, e que se mostrou muito disposto a contribuir com nosso trabalho. Desse modo, Adilson se tornou nosso primeiro entrevistado oficial, constituindo-se como protagonista do primeiro episódio do *podcast*. Para isso, marcamos um retorno à Vila e o morador nos recebeu em sua casa, onde pudemos conhecer um pouco mais sobre a sua intimidade e sobre a sua história de luta por moradia. Adilson tem trinta anos, trabalha como motoboy e mora com sua esposa Tanísia e sua filha Cecília, de apenas quatro anos. Ele veio de um distrito de Mariana chamado Cláudio Manoel e, apesar de sempre trabalhar, tinha muita dificuldade para pagar os altos aluguéis da cidade. Então, decidiu ocupar um espaço na Vila Serrinha, para garantir uma moradia para sua família.

Adilson, que foi um dos primeiros moradores da vila, já chegou a ter sua casa derrubada pela Guarda Municipal, que, com a ajuda de uma máquina, levou ao chão o seu barracão de apenas um cômodo. Naquele dia, vários moradores se indignaram e protestaram junto com Adilson, que foi levado para a delegacia. Após o ocorrido, ele e a família passaram a receber o aluguel social, ou seja, um valor para que pudessem alugar uma casa. No entanto, após cerca de três meses, o benefício foi cortado e Adilson decidiu voltar à Vila Serrinha e reerguer sua casa. Com ajuda dos moradores e amigos, ele conseguiu se estabilizar na Vila novamente e segue lutando pelo seu direito à casa própria. Sua história de vida é emocionante e pode ser ouvida no primeiro episódio de nosso *podcast*.

Na busca por outras fontes, após a entrevista com Adilson, voltamos à Vila Serrinha. Na ocasião, entramos em uma venda, logo na entrada da ocupação, para comprar uma garrafa de água. Foi quando iniciamos uma conversa com a vendedora. A senhora, muito simpática e falante, chama-se Karla e, ao ser informada sobre a nossa proposta de trabalho, já passou a se abrir e a contar casos e mais casos da região. Apesar de ter uma venda situada no início da Vila, e de morar ali por perto, Karla não é moradora da ocupação. Mas, para nos ajudar, ligou imediatamente para uma moradora que ela conhece de perto: sua filha Liriel. Iniciamos, então, uma entrevista com mãe e filha para entender mais sobre a trajetória dessa família e sobre a sua história na ocupação Vila Serrinha.

Liriel, diferente da sua mãe, é uma moça tímida e de poucas palavras. Ela é casada e tem um filho pequeno, que, como afirma Karla, “é o amor da vovó”. Liriel nos relatou que trabalha na venda ajudando a mãe, mas que dedica grande parte do seu tempo ao seu filho, que tem cerca de três anos e precisa de supervisão a todo tempo. Ela relata também a dificuldade que enfrenta para conseguir uma moradia na cidade e critica a maneira falha como são feitos os programas de assistência social, que, segundo ela, não dão o suporte necessário para que as famílias carentes possam ter qualidade de vida. A história de Karla e Liriel está no terceiro episódio do podcast, o único composto por dois personagens, já que optamos por manter as falas de Karla quando notamos o quanto ela conhecia a realidade da Vila.

Ainda na venda de Karla, lugar de grande movimento, reencontramos com o Richard, aquele primeiro morador que citamos anteriormente e que vinha, até então, negando as entrevistas que pedíamos. Com paciência, tentamos entender o que estava acontecendo, para verificar se ele realmente não queria conversar conosco. Foi então que Richard se abriu. Disse que tinha vergonha das câmeras e que tinha uma história complicada - por isso o receio de relatar. Pedimos para que ele ficasse à vontade para participar ou não e sugerimos também a possibilidade de ele aparecer como um personagem anônimo. No entanto, ao perceber nosso contato com Karla - que inclusive o incentivou a se abrir com a gente - Richard foi se sentindo mais confiante e decidiu contar sua vida ali mesmo, na venda, sem que houvesse a necessidade do anonimato antes cogitado.

Para aproveitar aquele momento e não perder uma história que prometia muitas emoções, puxamos uma cadeira e nos sentamos para ouvir tudo que Richard tinha para nos contar. Richard nasceu em Belo Horizonte e veio para Mariana com sua ex-mulher, que nasceu na cidade, para fugir de uma guerra que estava acontecendo na sua comunidade, em BH. Ele conta que trabalhava com tráfico de drogas na capital e que partiu para o interior para proteger a sua vida. No entanto, Mariana proporcionou muito mais que isso, pois foi, para ele, uma possibilidade de se reinventar. No interior, Richard conseguiu sair do mundo do crime, conseguiu um trabalho com carteira assinada e constituiu uma grande família composta por pessoas que o amam e admiram. Ele passou a ser conhecido na cidade como “Espetinho” ou “Churrasquinho”, pois vendia espetinhos de carne na região. Em meio a toda essa história de superação, Richard decide iniciar uma luta pela casa própria e levanta a primeira casa da Vila Serrinha, dando início a um bairro pelo qual ainda hoje luta com unhas e dentes. Os relatos de Richard estão presentes no segundo episódio do nosso produto.

Por fim, naquela mesma tarde de conversas com Richard, Liriel e Karla, regada a muitas emoções, mas também a muitas risadas, conseguimos nossa última fonte, José Souza. José,

assim como a maior parte dos moradores da Vila, é um grande amigo de Richard, que foi quem nos levou até a sua casa. José conta que, em busca de um lugar para morar, ergueu a sua casa na Serrinha em apenas uma noite, pois, segundo ele, quando a casa já está toda de pé e o morador já está lá dentro, é mais difícil derrubarem. Assim, com a lanterna na mão e a ajuda de alguns amigos, José levantou sua casa em uma madrugada, já quase na parte final daquele espaço chamado de Vila Serrinha. Hoje ele mora com sua esposa, que fez uma bonita horta no quintal e cria galinhas para ajudar na renda. José trabalha com obras e, para chegar ao local do serviço, precisa fazer uma caminhada de cerca de 20 minutos até o ponto de ônibus mais próximo. A sua história é contada no quarto e último episódio do *podcast*.

Esse panorama mostra alguns dos nossos mais importantes passos para conseguir acessar a intimidade dos moradores da Vila. Não por acaso, eles demonstraram certo receio de se abrir para nós - pessoas desconhecidas. Afinal, expor sua vida é, talvez, expor-se a possíveis violências. No entanto, moradores e moradoras da comunidade demonstraram que, por outro lado, são capazes de perceber a importância de divulgar suas respectivas versões da história. Com poucos minutos de contato conosco naqueles dias, eles e elas se abriram em uma relação afetuosa que envolvia convites para cafés e cervejas, muito bom humor e longas conversas. A nossa admiração por eles, depois desse contato mais próximo, cresceu ainda mais e esperamos que, mesmo com o fim deste trabalho, nossa amizade ainda possa render outros bons encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir um *podcast* sobre vivências delicadas de uma comunidade foi um processo que envolveu, desde o começo, alguns desafios. O primeiro estava em criar uma relação de confiança com os moradores da Vila Serrinha, capaz de permitir um diálogo intimista que acessasse a subjetividade deles. Afinal, nossa intenção não era apenas utilizar desse contato para realizar um trabalho de conclusão de curso, mas gerar um espaço para que essas pessoas pudessem expressar os seus sonhos e lutas. O desejo era criar um produto que garantisse a eles o lugar de sujeitos com histórias, assim como eu e você. Sujeitos que pretendem, acima de tudo, viver dignamente.

Outro desafio estava em representar tudo isso em um produto de *podcast* que tratasse de um tema de tanta relevância: a habitação. Gravar, roteirizar, editar, escolher trilhas e mergulhar no acervo teórico para compreender os caminhos foram nossas principais atividades nesses últimos meses. Neste processo, aprendemos muito acerca dos produtos sonoros e tivemos a oportunidade também de compreender mais sobre o tema da habitação e a história da moradia no Brasil.

Como já mencionamos, a habitação é um tema de grande relevância, pois é o que possibilita que os sujeitos exerçam os seus direitos básicos como cidadãos. Após a intensa exploração teórica, pudemos observar que, apesar de estar previsto na constituição, o direito à moradia adquiriu em nossa história um caráter de mercadoria. Diante de um contexto capitalista, a habitação perde o seu lugar de direito e, caso não haja intervenção do Estado, ela seguirá sendo um bem restrito a determinados grupos.

Dentro deste contexto, lutas por moradia são muito importantes e necessárias. As histórias relatadas na Ocupação Vila Serrinha destacam principalmente isso: o desejo por uma sociedade mais igualitária, na qual todos tenham onde dormir, onde comer, onde partilhar e viver com conforto junto às suas famílias. Por fim, após tanto ouvir e aprender com esta comunidade, manifestamos aqui também o nosso anseio por um mundo mais justo, em que a luta por necessidades básicas não seja rotina, que os direitos sejam garantidos a todos e os bens não se concentrem apenas em uma parcela da sociedade, mas se distribuam pelo povo que quer e merece viver com dignidade.

REFERÊNCIAS

ADONIRAN BARBOSA, **Abrigo de Vagabundo**. São Paulo: EMI Records Brasil Ltda, 1974. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/7L4UpDj9CRPIJWkIRNG6q2?si=b01fc8cbe2694c39> Acesso em 10 de out. de 2022

BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo Narrativo em Podcast: Uma análise da linguagem, da mídia e do cenário**. 2015. Orientadora: Patrícia Maurício. TCC (Monografia) Graduação. Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Departamento de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (RJ), 2015.

BIANCO, Nélia R. del. **E tudo vai mudar quando o digital chegar**. 2003. Universidade de Brasília (UNB). Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-radio-digital.pdf> > Acesso em 15 de out. 2021.

BIANCO, Nélia R. del. **Remediação do Radiojornalismo na Era da Informação**. 2008. Universidade de Brasília (UNB). Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-remediacao-radiojornalismo-era-da-informacao.pdf> > Acesso em 15 de out. 2021.

BIONDI, Angie; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Crying girl on the border: a colonialidade de gênero na fronteira das imagens**. Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, v. 7, n. 1, p. 1-20, 2020.

BOULOS, Guilherme. **Por que ocupamos? Uma Introdução a luta dos sem-teto**. São Paulo: Scortecci, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CUNHA, K. M. R; MANTELLO, P. F. **Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos**. Comunicação Midiática, Bauru, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

CUNHA, Thainá. **A imprensa e a reprodução da desigualdade social em Mariana**. IX Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de Minas Gerais. 2016. Disponível em: < https://anaisecomig.files.wordpress.com/2017/04/thainacc81_cunha_ufop_artigo.pdf > Acesso em 21 mar. 2021.

CYMBALISTA, Renato; MOREIRA, Tomás. **Política Habitacional no Brasil: A História e os Atores de uma Narrativa Incompleta**. In: ALBUQUERQUE, Maria do Carmo, (Org.) Participação Popular em Políticas Públicas: Espaço de Construção da Democracia Brasileira - São Paulo: Instituto Pólis, 2006. Disponível em: < <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/PoliticaHabitacionalnoBrasil.pdf> > Acesso em 04 abr. 2022.

CYMBALISTA, Renato; NAKASHIMA, Rosemeire; CARDOSO, Patrícia de Menezes. **O Plano Diretor de Mariana (MG): a Difícil Articulação Entre Planejamento Urbano,**

Patrimônio Histórico e Atores Políticos. 2006, 22p. Disponível em: <<http://polis.org.br/publicacoes/o-plano-diretor-demariana-mg-a-dificil-articulacao-entreplanejamento-urbano-patrimoniohistorico-e-atores-politicos/>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

FERRAZ, Nivaldo; Gambaro, Daniel. **Podcast e Radiojornalismo: Uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção de escuta.** Novos Olhares, vol.9, n.1. jan/jun/2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/166393/161943>> Acesso em 15 de out. 2021

FREIRE, Gabriel Ribeiro. **Ideias sem fio: Um panorama sobre podcasts no Brasil.** Orientadora: Gabriela Pereira de Freitas. 2015. 76f. TCC (Monografia), Graduação. Curso de Comunicação Organizacional, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 71ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FONSECA, Claudia Damasceno. O espaço Urbano de Mariana: sua formação e suas representações. In Termo de Mariana. História e Documentação. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1998.

GALDINO, Fábio Melo; LIMA, Andreza. **Quem são eles? Um documentário sobre a realidade de uma ocupação.** Orientador: Adriano Medeiros da Rocha. 2017. 46f. TCC - Memorial (Graduação) - Curso de Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

GRACINO JÚNIOR, Paulo. **Mariana – da cidade patrimônio a cidade partida.** Patrimônio e Memória, Assis, v. 3, n. 2, p. 147-170, junho de 2007.

GRACINO JÚNIOR, Paulo. **Visões da Cidade: memória, poder e preservação em Mariana.** Revista Vivência. Natal: UFRN. 2005. 179-199.

KISCHINHEVSKY, M. (2018): "**Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**". En Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, vol. 5, número 10, pp. 74-81.

LEMO, André; LEVY, Pierre. **O Futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária,** São Paulo: Paulus, 2010, 264p.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999, 264p. LOUREIRO, Luiz; Pereira, Lui. **Ocupação Nova Serrinha demonstra crise imobiliária em Mariana.** Site da Agência Primaz de Comunicação, 2020. Disponível em: <<https://www.agenciaprimaz.com/post/ocupacao-nova-serrinha-demonstra-crise-imobiliaria-em-mariana>> Acesso dia 15 de out. 2021.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma mídia da cibercultura.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 3., 2009, São Paulo.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2010.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Celso; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres: a reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1987

MAIA, Letícia Costa de Castro. **A questão Habitacional como mercadoria: Um estudo sobre a ocupação Alto Rosário em Mariana (MG)**. Orientador: Esdras Tavares de Oliveira. 2017. 56f. TCC (Graduação) – Curso de Serviço Social, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: <
<https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/611> > Acesso em 21 mar. 2021.

MONTEIRO, Adriana Roseno; VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. **A Questão Habitacional no Brasil**. Mercator, Fortaleza, v. 16, e16015, 2017. p. 1-13. Julho, 2017. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/mercator/a/ZkVrVHZqbHWQwK6HRpGrcXN/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 04 de abr. 2022.

MOTTA, Luana Dias. **A Questão da Habitação no Brasil: Políticas Públicas, conflitos Urbanos e o Direito à cidade**. Disponível em: <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wpcontent/uploads/2014/04/TAMC>. Acesso em 28 mar. 2022.

NALIN, Nilene Maria. **O trabalho do assistente social na política de habitação de interesse social: o direito à moradia em debate**. 2013. 252 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> > Acesso em: 04 de abr. 2022.

PINTO, Marina Barbosa. **Questão Habitacional como Expressão da Questão Social na Sociedade Brasileira**. **LIBERTAS - Online: Revista da Faculdade de Serviço Social/ UFJF**. v. 4 n. 1/2 (2004): Número especial (ago. dez. 2004 - jan. jul 2005)

PIRES JÚNIOR, Eduardo Antônio Rodrigues Pereira Cardoso. **Minha vida não cabe na garagem: Relatos sonoros de carros e afetos**. Orientador: Carlos Jáuregui. 2019. 50f. TCC (Memorial) Graduação. Curso de Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana (MG), 2019.

PRIMO, Alex F. T. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005.

PULGA, D. **Podcasting e Jornalismo - Uma análise do programa mamilos**. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 52. 2019.

SILVA, Maria de Jesus Venâncio. **Direito à Moradia: Reflexões sobre a Política Pública de habitação no município de Mariana (MG)**. 2019. 55f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. **Política Habitacional Brasileira: verso e reverso**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

TAVARES, R. B. **Atividades extrativas minerais e seus corolários na bacia do alto Ribeirão do Carmo : da descoberta do ouro aos dias atuais**. 2006. 103 f. Dissertação (Mestrado em Evolução Crustal e Recursos Naturais) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2006.

VIANA, L. **Áudio imersivo: recurso binaural na construção de narrativas em podcasts ficcionais de drama**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. Anais [...]. Joinville: Intercom, 2018. p. 1-15.

VIANA, L. **O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting**. RuMoRes, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2020.167321. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>. Acesso em: 2 jun. 2022.

ROTEIRO EPISÓDIO 1 - ADILSON

TÉCNICA	LOCUÇÃO
LOC. 1: ADILSON LOC. 2: AMANNA LOC. 3: PEDRO SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [14MIN35S] SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [13MIN47S] SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [3MIN09S] RODA VINHETA OFF	LOC. 1: TEM OS COMENTÁRIOS DO PESSOAL, ALGUNS QUE AH VOCÊ INVADIU O QUE NÃO É SEU, TEM. MAS TEM AS PESSOAS TAMBÉM QUE APOIAM. E MARIANA NÃO DÁ SUPORTE DE VIDA PRA UMA PESSOA TER UMA CASA. LOC. 1: “VOCÊ VAI FAZER UMA COMPRA, NÃO PODE DAR ENDEREÇO DAQUI PQ NÃO TEM [CORTE] ENTÃO PRA VOCÊ COMPRAR ALGUMA COISA TEM QUE DAR O ENDEREÇO DE OUTRA PESSOA” LOC. 1: “ENTÃO O PRIMEIRO BARRACO QUE EU FIZ, ELES QUEBRARAM, ME TIRARAM DAQUI. FUI PRESO DUAS VEZES POR CAUSA DE INVASÃO”. LOC.2: OLÁ! MEU NOME É AMANNA BRITO LOC.3: E EU SOU O PEDRO VIEIRA LOC.2: E ESSE É O PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST “SE ESSA VILA FOSSE MINHA”. AQUI VAMOS TRAZER DIÁLOGOS COM ALGUNS MORADORES DA VILA SERRINHA, OCUPAÇÃO QUE RESISTE HÁ CERCA DE TRÊS ANOS, NA REGIÃO DA CIDADE ALTA EM MARIANA (MINAS GERAIS). LOC.3: EM CADA EPISÓDIO, UM DOS MORADORES VAI CONTAR SUA HISTÓRIA. ESTE PRIMEIRO É DEDICADO ÀS VIVÊNCIAS DE ADILSON SOBRENOME, UM DOS PRIMEIROS MORADORES DA VILA.

SOM DE TRANSIÇÃO

SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [45S]

OFF

SOM DE TRANSIÇÃO

SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [1MIN27]

SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [4MIN28]

OFF

LOC. 2: É SUA FILHA? COMO ELA CHAMA? OLHA QUE LINDA O CABELINHO, OS CACHINHOS.

LOC. 1: CUMPRIMENTA A MOÇA. FALA ASSIM “EU TO GRIPADA, TO ENJOADINHA”.

LOC.3: ADILSON NOS RECEBEU NA SUA CASA JUNTO DA SUA ESPOSA TANÍSIA E DA SUA FILHA CECÍLIA, UMA GAROTINHA LOIRINHA DE APENAS QUATRO ANOS, QUE NOS ACOMPANHOU DURANTE TODA A GRAVAÇÃO. PRA COMEÇAR, PEDIMOS PRO ADILSON CONTAR UM POUCO SOBRE A SUA HISTÓRIA E COMO FOI PARAR ALI NA VILA.

LOC.1: MEU NOME É ADILSON, SOU MORADOR DE MARIANA TEM DOZE ANOS, SÓ QUE EU VIM DE UM MUNICÍPIO QUE CHAMA CLÁUDIO MANOEL.

LOC.1: ENTÃO, EU VIM DO DISTRITO HÁ DOZE ANOS ATRÁS. ENTÃO DOZE ANOS ATRÁS EU PAGAVA ALUGUEL AQUI EM MARIANA. SEMPRE TRABALHEI EM EMPRESA AQUI MESMO. [CORTE] E EM QUESTÃO DE INVASÃO, AQUI EM MARIANA SEMPRE TEVE ESSA, COMO EU POSSO FALAR, [CORTE] SEMPRE ACONTECEU DE TER INVASÃO. SE VOCÊ FOR LÁ NA PREFEITURA VOCÊ VAI VER O MAPA, QUE É SÓ AQUELA PRINCIPAL QUE SUBIU DIAMANTINA, O RESTO É TUDO INVASÃO. DALI PRA CÁ É TUDO INVASÃO.

LOC.2: A RUA DIAMANTINA, QUE O ADILSON CITA, É A RUA PRINCIPAL DO BAIRRO CABANAS EM MARIANA. A REGIÃO DO BAIRRO, CONHECIDA COMO CIDADE ALTA, É UMA DAS MAIS POPULOSAS DA CIDADE, CHEGANDO A CERCA DE 12 MIL MORADORES, DE ACORDO COM O JORNAL COMUNIDADE EM ALTA. ESSA REGIÃO FOI CONSTITUÍDA, NA SUA MAIOR PARTE, POR OCUPAÇÕES E TERMINA BEM PRÓXIMO DE ONDE COMEÇA A VILA SERRINHA.

SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [5MIN28]

SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [6MIN18S]

SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [6MIN26S]

OFF

SONORA: “ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA” [16MIN14S]

OFF

LOC.1: NESSE CASO EU TENHO VÁRIOS COLEGAS QUE JÁ INVADIRAM, QUE TEM A FAMÍLIA DELES TAMBÉM, E AQUI [CORTE] EU TAVA PASSANDO E VI TODO MUNDO INVADINDO. AI EU PEGUEI E PENSEI “NÃO, JÁ QUE TÁ TODO MUNDO INVADINDO” EU PEGUEI E VIM INVADIR TAMBÉM. PEGUEI, INVADI UM PEDAÇO PRA MIM E CONSTRUI.

LOC.2: E QUANDO VOCÊ CHEGOU COMO ERA O ESTADO DAQUI? TINHA ALGUMA ESTRUTURA? JÁ TINHA ALGUMA DIVISÃO DE TERRENO, DE RUA?

LOC.1: NÃO, NÃO TINHA NADA. QUEM FEZ FOMOS NÓS, FOMOS TODOS. TODO MUNDO QUE TAVA INVADINDO AQUI NA HORA QUE DEIXAVA ‘AQUI VAI SER RUA’ AÍ DEIXAVA COMO RUA.[CORTE] ENTÃO A RUA, DEMARCAÇÃO DE LOTE, CADA UM MARCA SEU PEDAÇO, CADA UM TOMA CONTA DO SEU. ENTÃO O LOTE É DE FULANO, NINGUÉM MEXE, O LOTE É DE CICLANO, NINGUÉM MEXE, ISSO AQUI É RUA NINGUÉM PODE INVADIR. EM RELAÇÃO A RUA PRIMEIRO FOI NA MÃO, MAS DEPOIS COM O CORONA CONSEGUIMOS TRAZER A MÁQUINA AQUI [CORTE] ENTÃO A QUESTÃO DO CONCRETO, DA RUA, ÁGUA, LUZ, TUDO É QUEM MORA AQUI QUE CORREU ATRÁS.

LOC.3: A PANDEMIA DO COVID-19 FOI E CONTINUA SENDO UM MOMENTO TERRÍVEL DE MUITAS PERDAS. ENTRETANTO, PARA OS MORADORES DA VILA SERRINHA, A PANDEMIA POSSIBILITOU UMA ESTABILIDADE NA LUTA PELA TERRA.

LOC.1: PELO BOATO QUE TEVE, DIZEM, EU NÃO TENHO CERTEZA, A JUÍZA QUE MEXE COM A QUESTÃO DE INVASÃO DISSE QUE NÃO PODE TÁ MEXENDO COM MAIS NINGUÉM POR CAUSA DA PANDEMIA [CORTE] NÃO PODE DESPEJAR, NÃO PODE TIRAR NINGUÉM POR CAUSA DA PANDEMIA

LOC.2: GRAÇAS AO PROJETO DE LEI 827/2020, FORAM SUSPENSAS AS MEDIDAS JUDICIAIS QUE RESULTASSEM EM

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [3MIN09S]

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [10MIN39S]

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [10MIN40S]

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [2MIN40S]

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [11MIN29S]

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [11MIN55S]

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [11MIN56S]

DESOCUPAÇÕES DE IMÓVEIS PRIVADOS OU PÚBLICOS, ATÉ O FIM DE 2021. OU SEJA, POR CAUSA DA PANDEMIA, NENHUM MORADOR PODE SER DESPEJADO, O QUE PARA OS MORADORES DA VILA SERRINHA RESULTOU EM ALGUNS ANOS SEM MEDO DE PERDER A CASA.

LOC. 3: ADILSON NOS CONTA QUE JÁ TEVE A SUA CASA DERRUBADA PELA GUARDA MUNICIPAL, ENTÃO A PROIBIÇÃO DO DESPEJO CAUSA A ELE AINDA MAIS ALÍVIO.

LOC.1: ENTÃO O PRIMEIRO BARRACO QUE EU FIZ, ELES PEGARAM E QUEBRARAM, ME TIRARAM DAQUI, FUI PRESO DUAS VEZES POR CAUSA DE INVASÃO.

LOC. 2: COMO É QUE FOI ESSE DIA? VOCÊ TAVA EM CASA?

LOC.1: EU TAVA EM CASA, TAVA EU, MINHA ESPOSA, MINHA MENINA. [CORTE] SÓ TINHA UM COMODOZINHO, AÍ NÃO TINHA CERCA, NÃO TINHA MURO, NÃO TINHA NADA. ERA SÓ UM BARRACÃOZINHO DE UM CÔMODO AQUI NO MEIO DO MATO. MAIS NADA EM VOLTA, SÓ MATO. DO ASFALTO PRA CÁ NÃO TINHA NADA [CORTE]. SÓ EU AQUI NO MEIO.

LOC. 1: AI QUE VEIO FAZER O PRIMEIRO DESATERRO AQUI, O PRIMEIRO BARRACO QUE EU FIZ, A GUARDA VEIO E QUEBROU.

LOC. 1: MAS PELO MENOS O PESSOAL AQUI É UNIDO, NA HORA QUE VIU QUE AS POLICIA IA VIR PRA QUERER DERRUBAR, AÍ FECHOU TODO MUNDO, TINHA MAIS DE DUZENTAS PESSOAS AQUI. [CORTE] AÍ NÓS SAÍMOS DA CASA [CORTE] E ELES VIERAM COM A MÁQUINA E QUEBRARAM TUDO.

LOC.2: E VOCÊS FICARAM ONDE ESSE DIA?

LOC.1: AÍ TEVE AQUELE NEGÓCIO DA

OFF

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [18MIN40S]

OFF

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [13MIN40S]

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [13MIN42S]

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL AMANNA" [13MIN42S]

ASSISTENTE SOCIAL NÉ? QUE LEVOU A GENTE PRA UM HOTEL. NESSA ÉPOCA NINGUÉM MORAVA AQUI, NÃO TINHA LUGAR PRA GENTE MORAR. AÍ LEVOU NÓS PRA UM HOTEL, FICOU UM TEMPO LÁ E DEPOIS COMEÇOU A PAGAR UM TAL DE ALUGUEL SOCIAL. AÍ PAGOU UNS DOIS OU TRÊS MESES E DEPOIS ESQUECEU DE NÓS. AÍ QUE VEIO E NÓS COMEÇOU A CONSTRUIR DE NOVO.

LOC. 3: COMO ADILSON FALOU, DEPOIS DA DERRUBADA DA CASA, O PODER PÚBLICO CHEGOU A DAR ASSISTÊNCIA, PAGANDO UM ALUGUEL SOCIAL. ENTRETANTO, O AUXÍLIO DUROU POUCOS MESES E ADILSON SE VIU NA NECESSIDADE DE OCUPAR O TERRENO NOVAMENTE COM A SUA FAMÍLIA.

LOC.2: VOCÊ FALOU QUE VOCÊ GOSTA DAQUI, ENTÃO VOCÊ PRETENDE PERMANECER NA VILA SERRINHA NÉ? PRA VOCÊ TERIA OUTRA OPÇÃO?

LOC.1: NÃO. ISSO AQUI É PRA MIM MORAR. VIVER AQUI COM A MINHA FAMÍLIA

LOC.2: SE AQUI ACABASSE VOCÊ NÃO TERIA PRA ONDE IR?

LOC.1: NÃO, NÃO TERIA NÃO.

LOC. 3: MESMO ASSIM, MUITAS PESSOAS NÃO COMPREENDEM A NECESSIDADE DA MORADIA E A FALTA DE RECURSOS DESSAS FAMÍLIAS.

LOC.2: VOCÊ ACHA QUE VOCÊ JÁ SOFREU PRECONCEITO POR MORAR EM UMA OCUPAÇÃO?

LOC.1: NORMAL UÉ, ISSO ACONTECE DIRETO.

LOC.1: TEM UNS COMENTÁRIOS DO PESSOAL, "AH QUE VOCÊ INVADIU O QUE NÃO É SEU". MAS TEM TAMBÉM AS PESSOAS QUE APOIAM. E MARIANA NÃO DÁ SUPORTE DE VIDA PRA PESSOA TER UMA CASA.[CORTE] SUPORTE DE MARIANA AQUI É SÓ ALUGUEL.[CORTE] VOCÊ PAGA EM DOIS CÔMODOS, O PREÇO DE UMA

OFF

SONORA: "ENTREVISTA ADILSON - CEL
AMANNA" [15MIN23S]

SOM DE TRANSIÇÃO (FIM)

CASA GRANDE, ENTÃO..

LOC.3: SEGUNDO O JORNAL MARIANENSE "PORTAL DA CIDADE", MARIANA POSSUI UM GRANDE CONTINGENTE POPULACIONAL FLUTUANTE, OU SEJA, MUITOS MORADORES NÃO SE FIXAM NA CIDADE, APARECENDO AQUI APENAS PARA ESTUDAR OU TRABALHAR EM PERÍODOS ESPECÍFICOS. ISSO ACONTECE PRINCIPALMENTE POR CAUSA DA ATIVIDADE DAS MINERADORAS E EMPREITEIRAS E PELA CHEGADA DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, QUE POSSUI DOIS CAMPI NA CIDADE.

LOC.2: ESSE FATOR FAZ COM QUE A CIDADE, EM DETERMINADOS PERÍODOS, APRESENTE UM ALTO DÉFICIT POPULACIONAL, OU SEJA, EM ALGUNS MESES A CIDADE ESTÁ CHEIA E REPENTINAMENTE ELA SE ESVAZIA, O QUE FAVORECE A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E CONTRIBUI PARA QUE OS ALUGUÉIS DE MARIANA CHEGUEM A VALORES TÃO ALTOS QUANTO OS DAS GRANDES CIDADES, COMO AFIRMAM NA REPORTAGEM.

LOC.3: POR ESSES E OUTROS MOTIVOS, AS FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA OCUPAM TERRENOS ABANDONADOS NA ESPERANÇA DE SE FIXAREM E FUGIREM DOS ALTOS PREÇOS DOS ALUGUÉIS. AFINAL DE CONTAS, ELAS PRECISAM TER ONDE MORAR E MUITOS DOS TERRENOS ABANDONADOS ESTÃO EM DÍVIDA COM O ESTADO.

LOC.1: QUEM NÃO TIVER CASA E TIVER DISPOSIÇÃO PRA IR LÁ, INVADIR E CONSTRUIR, DEVE FAZER A MESMA COISA. PORQUE ELES NÃO PAGAM IMPOSTO DO TERRENO, NÃO TEM DOCUMENTO DO TERRENO QUE A GENTE INVADE. COMO QUE É DELES? ELES TEM QUE PROVAR QUE É DELES. VOCÊ VÊ QUE UMA ÁREA PARTICULAR NINGUÉM INVADE, PQ A PESSOA PAGA O IMPOSTO, TEM O DOCUMENTO. NUMA ÁREA IGUAL ESSA DAQUI, A PESSOA NÃO TEM DOCUMENTO, NÃO PAGA IMPOSTO.

LOC. 2: ESTE EPISÓDIO DO PODCAST "SE ESSA VILA FOSSE MINHA" FOI PRODUZIDO E APRESENTADO POR AMANNA BRITO E PEDRO VIEIRA. ROTEIRO POR AMANNA BRITO. EDIÇÃO POR PEDRO VIEIRA.

ESTA SÉRIE DE PODCAST FAZ PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO "SE ESSA VILA FOSSE MINHA: RELATOS SONOROS DAS VIVÊNCIAS NA VILA SERRINHA", ELABORADO POR AMANNA BRITO E PEDRO VIEIRA, COM ORIENTAÇÃO DE HILA RODRIGUES, PARA A CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.

REFERÊNCIAS:

Portal Da Cidade. **Urbanização E Moradia Necessitam De Atenção Em Mariana.**

Disponível Em: <

<https://Mariana.Portaldacidade.Com/Noticias/Cidade/Serie-Especial-Urbanizacao-E-Moradia-3338> > Acesso Em 06 Dez. 2021.

Lima, Roberto De. **Contando Um Pouco De História: O Nascimento Do Bairro Cabanas.**

Disponível Em <

<https://Comunidadeemalta.Wixsite.Com/Jornal/Post/Time-To-Talk-Social-Reform> > Acesso Em 06 De Dez. 2021.

ROTEIRO EPISÓDIO 2 - RICHARD

TÉCNICA	LOCUÇÃO
LOC. 1: RICHARD LOC. 2: AMANNA LOC. 3: PEDRO LOC. 4: KARLA SONORA: “RICHARD PARTE 1”[7min25s a 7min35s] SONORA: RICHARD PARTE 1 - [9min23s a 9min35s] SONORA: RICHARD PARTE 2 - 6min56s a 7min04s RODA VINHETA OFF	LOC. 1: MAS EU VIM PRA CÁ SEM NADA. EU, GRAÇAS A DEUS, HOJE EU TENHO ESSE BARRACO MEU AÍ. BARRACO NÃO, MINHA CASA MESMO. MINHA MANSÃO QUE EU FALO. LOC. 1: EU VIM COM UMA SACOLA DE LIXO, MANO, UMA SACOLA DE LIXO, IMAGINA? HOJE EU TENHO UMA CASA. LOC.1:E MOLEQUE...EU SOU BRINCALHÃO. VOCÊ TEM QUE VER NA VALE, ENTÃO, ONDE EU TRABALHO. OS CARAS ME AMAM. LOC.2: (Risos) LOC.2: OLÁ! MEU NOME É AMANNA BRITO LOC.3: E EU SOU O PEDRO VIEIRA LOC.2: E ESSE É O SEGUNDO EPISÓDIO DO PODCAST “SE ESSA VILA FOSSE MINHA”. AQUI VAMOS TRAZER DIÁLOGOS COM ALGUNS MORADORES DA VILA SERRINHA, OCUPAÇÃO QUE RESISTE HÁ CERCA DE TRÊS ANOS, NA REGIÃO DA CIDADE ALTA, EM MARIANA (MINAS GERAIS) . LOC.3: ESTE EPISÓDIO É DEDICADO ÀS VIVÊNCIAS DE RICHARD OLIVEIRA, O PRIMEIRO OCUPANTE DA VILA SERRINHA.

SOM DE TRANSIÇÃO

SONORA: RICHARD PARTE 1 - [1s a 13s]

OFF

LOC. 2: OH RICHARD, NEM ACREDITO QUE A GENTE CONSEGUIU TE ENCONTRAR. NÓS ESTAMOS DESDE DOIS MIL E VINTE... VINTE OU VINTE UM?

LOC. 1: SÉRIO? ATRÁS DE MIM?

LOC.3: RICHARD ERA UMA FONTE MUITO IMPORTANTE PRA GENTE. AFINAL DE CONTAS, ELE FOI O PRIMEIRO A LEVANTAR UMA CASA NO ESPAÇO QUE VIRIA A SER CHAMADO DE VILA SERRINHA. NO ENTANTO, APESAR DE INICIALMENTE TER TOPADO CONVERSAR COM A GENTE, ELE VINHA EVITANDO CONTATO, COM MEDO DAS CONSEQUÊNCIAS DE SE EXPOR, FATO TOTALMENTE COMPREENSÍVEL.

LOC. 2: MAS EM UMA DE NOSSAS VISITAS À VILA, ENQUANTO A GENTE COMPRAVA ÁGUA EM UMA VENDINHA, RICHARD APARECEU E DECIDIU SE ABRIR. CONTOU DO SEU MEDO, DA VERGONHA QUE TINHA DE DAR ENTREVISTAS, MAS REFORÇOU A NECESSIDADE DE SE FALAR DO ASSUNTO, PARA QUE TODO MUNDO FICASSE SABENDO.

LOC.3: ASSIM, A ENTREVISTA COM ELE FOI FEITA ALI, NA VENDA MESMO. ALGUNS SONS AMBIENTES E ALGUMAS INTERVENÇÕES DA KARLA, DONA DA VENDA, VÃO APARECER, MAS TUDO ISSO VAI PERMITIR UMA IMERSÃO AINDA MAIS REAL NO UNIVERSO DA VILA SERRINHA. O PAPO, ENTÃO, COMEÇOU COM A GENTE TENTANDO CONHECER MELHOR ESSA HISTÓRIA TODA.

SOM DE TRANSIÇÃO

SONORA: RICHARD PARTE 1 - [1min9s a 1min37s]

LOC.2: COMO VOCÊ VEIO PARAR AQUI? VOCÊ É DE MARIANA?

LOC.1: EU SOU DE BH.

LOC.2: E POR QUE VOCÊ VEIO MORAR EM MARIANA?

LOC.1: PORQUE... PODE FALAR? PORQUE EU ERA TRAFICANTE LÁ EM BH AÍ, GRAÇAS A DEUS, EU ERA O GERENTE LÁ E TAL, AÍ MINHA EX-MULHER ERA DAQUI. AÍ EU VIM

SONORA: RICHARD PARTE 1 - [4min29s a 4min39s]

SONORA: RICHARD PARTE 1 - [5min12s a 5min32s]

SONORA RICHARD PARTE1 - [2min45s a 2min56s]

SONORA RICHARD PARTE3 - [1min a 1min50s]

EMBORA PORQUE LÁ COMEÇOU AS GUERRAS PAIA, AÍ EU VIM EMBORA. DEUS ME DEU A OPORTUNIDADE. DEUS ABRIU A MÃO PRA MIM ASSIM Ó: VAI EMBORA.

LOC. 1: QUANDO EU DESCI PRA MARIANA, NA VERDADE, EU PAREI NA RODOVIÁRIA. UM SACO DE LIXO, AQUI Ó.

LOC. 2: COM SUAS ROUPAS?

LOC. 1: SABE O QUE EU TINHA DENTRO DO MEU SACO? UM PAR DE CHINELO E UM PAR DE ROUPA.

LOC.1: OH EU LEVANTEI MARIANA AQUI Ó. EU VIREI AJUDANTE [CORTE] DE PEDREIRO. EU NÃO TENHO PREGUIÇA DE TRABALHAR, TODO MUNDO SABE. HOJE SOU FICHADO TEM SEIS ANOS, GRAÇAS A DEUS.

LOC.2: VOCÊ TRABALHA ONDE?

LOC. 1: NA VALE. SOU ROÇADOR LÁ HÁ SEIS ANOS, GRAÇAS A DEUS.

LOC.2: E VOCÊ FOI UM DOS PRIMEIROS AQUI, NÉ?

LOC. 1: NÃO, FUI O PRIMEIRO.

LOC. 2: TINHA NADA AQUI PRA TRÁS?

LOC. 1: TINHA, NÃO.

LOC. 2: AÍ VOCÊ LEVANTOU SUA CASA SOZINHO?

LOC. 1: SOZINHO. EU E DEUS.

LOC. 2: E COMO É QUE ERA? CÊ FEZ SUA CASA E TODO MUNDO FOI CHEGANDO E TE PERGUNTANDO "POSSO FAZER MINHA CASA DO LADO"?

LOC. 1: AQUI? EU FIZ DE MADRUGADA. EU E SIDNEI. NÓS CHEGAMOS DE MADRUGADA E PRIMEIRO PASSAMOS A MÁQUINA. AÍ DEPOIS, DE MADRUGADA, NÓS FOI LÁ E FUROU A BASE MESMO. AÍ DEPOIS, NO OUTRO DIA, MATERIAL ESTÁ TODO AQUI, CÊ LEMBRA, NÉ? ESTÁ TUDO AQUI. AÍ O

SONORA: RICHARD PARTE 1 - 7min25s a 7min37s]

SONORA: RICHARD PARTE 1 - [3min30s a 4min05s]

PEDREIRO FALOU ASSIM: "VOCÊ QUER FAZER AGORA?". EU FALEI "VAMOS". TINHA MAIS DE 15 PEÃO AÍ. LEVANTOU A MINHA CASA, É RAPIDINHO.

LOC. 2: NUMA NOITE?

LOC. 1: QUINTA, SEXTA. NO DOMINGO, FALTANDO UMA TELHA, EU CAÍ PARA DENTRO. ERA SEGUNDA-FEIRA, AÍ O GUARDA MUNICIPAL PASSOU AQUI E FALOU ASSIM "NÃO ACREDITO".

LOC. 2: LEVANTOU EM QUATRO DIAS?

LOC.4: É.

LOC. 1: EU VIM PRA CÁ SEM NADA, GRAÇAS A DEUS. HOJE EU TENHO ESSE BARRACO MEU AÍ. BARRACO NÃO, MINHA CASA MESMO. MINHA MANSÃO QUE EU FALO.

LOC. 1: MONTEI ESSE TREM AÍ, GRAÇAS A DEUS... DERRUBOU...

LOC. 2: ELES DERRUBARAM ALGUMA VEZ?

LOC.4: A CASA DELE DERRUBARAM

LOC. 1: A PREFEITURA DERRUBOU, MINHA CACHORRA ATÉ DESCADEIROU

LOC.4: DERRUBOU, JOGOU OS TREM DELE TUDO NA RUA.

LOC. 2: VOCÊ ESTAVA EM CASA?

LOC. 1: NÃO, EU TAVA TRABALHANDO.

LOC.4: CHEGOU DO SERVIÇO E TAVA TUDO JOGADO AÍ.

LOC. 1: EU DEITEI NO CHÃO...TEM O VÍDEO. [CORTE]

LOC.4: MUITA GENTE COLOCOU, PORQUE ACHOU COVARDIA. FOI O DELE E DE ADILSON.

SONORA: RICHARD PARTE 3 - 3min15s a 3min37s

OFF

LOC. 1: OLHA QUE EU CHEGUEI AQUI, EU FALEI, MEU CORAÇÃO FEZ ASSIM.. DEITEI AÍ NO CHÃO E CHOREI. NUNCA TIVE UMA CASA, QUANDO EU MEXIA COM COISA ERRADA. EU TRABALHANDO. TIVE MINHA CASA. EU DEITEI ASSIM..

LOC. 3: DEPOIS DE TER A CASA DERRUBADA, RICHARD FICOU ANGUSTIADO. RODOU PELA CIDADE SEM RUMO, POR DOIS DIAS, E PAROU NA CASA DA SUA ANTIGA NAMORADA, QUE O ACOLHEU POR UM TEMPO. ELE TAMBÉM CHEGOU A RECEBER UM ALUGUEL SOCIAL DURANTE O PERÍODO DE DOIS MESES, MAS TEVE SEU BENEFÍCIO CORTADO, PORQUE AS AUTORIDADES DECLARARAM QUE ELE TINHA CONDIÇÕES DE ALUGAR UMA CASA, JÁ QUE TRABALHAVA DE CARTEIRA ASSINADA.

LOC. 2: MESMO COM UM TRABALHO FIXO, ALUGAR UMA CASA COM APENAS UM SALÁRIO MÍNIMO É UM DESAFIO PARA OS BRASILEIROS. SEGUNDO UM LEVANTAMENTO FEITO PELO JORNAL MARIANENSE "PORTAL DA CIDADE", O ALUGUEL MÉDIO DE UM APARTAMENTO RESIDENCIAL EM MARIANA, NO ANO DE 2021, VARIAVA ENTRE 900 E 1.500 REAIS. ENQUANTO EM BELO HORIZONTE, A MÉDIA, EM 2021, TAMBÉM ERA DE 1.500 REAIS, COMO DECLARA UMA REPORTAGEM DO JORNAL O TEMPO.

LOC. 3: O SALÁRIO MÍNIMO, EM 2022, É DE APENAS 1.212 REAIS. PORTANTO, MORAR, COMER E VIVER DIGNAMENTE COM ESSE VALOR É PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL. SE LEVARMOS EM CONTA, AINDA, O TAMANHO E O PORTE ECONÔMICO DE MARIANA, UMA CIDADE QUE É CERCA DE 45 VEZES MENOR QUE BELO HORIZONTE, PODEMOS AFIRMAR QUE OS PREÇOS DOS ALUGUÉIS NA CIDADE SÃO EXORBITANTES.

LOC. 2: POR ESSES E OUTROS MOTIVOS, RICHARD SE VIU NA NECESSIDADE DE OCUPAR NOVAMENTE UM ESPAÇO PARA CONSTRUIR A SUA MORADIA E, COM AJUDA DE AMIGOS, LEVANTOU NOVAMENTE A SUA CASA. ALÉM DISSO, AJUDOU OUTRAS

SONORA: RICHARD PARTE 2 - [6min37s a 6min45s]

SONORA: RICHARD PARTE1 - [6min6s a 6min9s]

SONORA: RICHARD PARTE 2 - [6min56s a 7min04s]

SONORA: RICHARD PARTE 2 - [2min35 a 2min46]

SONORA: RICHARD PARTE 2 - [7min5s a 7min9s]

SONORA: RICHARD PARTE 1 - [5min42 a 5min57]

FAMÍLIAS A CONSTRUIREM SUAS MORADIAS E ASSIM, DEVAGARZINHO, FOI NASCENDO O BAIRRO QUE HOJE ELES CHAMAM DE VILA SERRINHA.

LOC.2: E VOCÊ CHEGOU AQUI HÁ POUCO TEMPO E JÁ CONSTRUIU TANTA COISA, NÉ?

LOC.1: TANTA COISA, CÊ ACREDITA? EU SOU ESPETINHO. EU SOU MUITO BRINCALHÃO, EU SOU MOLEQUE PRA CARALHO.

LOC.1: MEU APELIDO AQUI É CHURRASQUINHO PORQUÊ EU MONTEI UM CHURRASQUINHO AQUI.

LOC.1: E MOLEQUE...EU SOU BRINCALHÃO. VOCÊ TEM QUE VER NA VALE, ENTÃO, ONDE EU TRABALHO. OS CARAS ME AMAM.

LOC.2: HAHHAHAHA

LOC.2: OH RICHARD, VOCÊ GOSTA QUE TE CHAMA DE RICHARD? ESPETINHO? CHURRASQUINHO?

LOC.1: É ESPETINHO. NINGUÉM ME CHAMA DE RICHARD NÃO.

LOC.2: FICA MUITO FORMAL, NÉ? VOU TE CHAMAR DE ESPETINHO, ENTÃO.

LOC. 4: AQUI NA REGIÃO TODO MUNDO SABE QUEM É CHURRASQUINHO, ESPETINHO.

LOC.4: COMO EU MORO ALI, ENTÃO EU VEJO TODA ESSA REGIÃO. A VISÃO MINHA JANELA, DA MINHA SALA, DO MEU QUARTO É TODA ESSA REGIÃO. ENTÃO A GENTE VÊ QUE ELE MORA SOZINHO, ESTÁ SEMPRE ALEGRE, BRINCANDO.

LOC.1: DANÇANDO.

SONORA: RICHARD PARTE 2 - [6min18 a 6min23s]

SONORA: RICHARD PARTE1 - [8min30s a 9min05s]

OFF

LOC.4: DANÇANDO, FAZENDO FESTA.

LOC.1: EU GOSTO DE TODO MUNDO AQUI. SE PRECISAR DE ALGUMA COISA, EU AJUDO TODO MUNDO.

LOC.4: ELE AJUDA, ELE AJUDA. ELE VARRE AQUI PRA FICAR LIMPINHO. VOCÊ PODE ANDAR PELA VILA SERRINHA E VOCÊ NÃO VÊ LIXO JOGADO, ANIMAL ABANDONADO.

LOC.1: SÓ PERGUNTAR TODO MUNDO DO ESPETINHO QUE ELES VÃO FALAR.

LOC.2: VOCÊ AJUDOU A FAZER ESSE ASFALTO AQUI TAMBÉM, QUE O POVO FEZ?

LOC.4: AJUDA, O CAMINHÃO DE CONCRETO CHEGA E ELE RAPA TUDO.

LOC.1: TUDO. TODAS AS LAGES QUE TIVER CONCRETO, EU AJUDEI. TODAS. SE FALAR QUE EU NÃO AJUDEI NINGUÉM.

LOC.2: CÊ É O SÍNDICO AQUI DO CONDOMÍNIO.

LOC.1: EU SOU A LINHA DE FRENTE.

LOC.2: RESOLVE TUDO.

LOC. 3: SEGUNDO RICHARD, A VILA SERRINHA TEM HOJE CERCA DE 150 FAMÍLIAS. O NOME VEIO DA PROXIMIDADE COM A CACHOEIRA DA SERRINHA, QUE ESTÁ A CERCA DE QUATRO QUILOMETROS DO BAIRRO. A COMUNIDADE POSSUI ALGUMAS RUAS QUE FORAM ASFALTADAS, RECEBERAM ILUMINAÇÃO E UM NOME.

LOC.2: TODAS ESSAS OBRAS FORAM REALIZADAS SEM APOIO DA PREFEITURA, ATRAVÉS SOMENTE DO TRABALHO DURO DOS MORADORES. ESPETINHO ESTEVE À FRENTE DA MAIORIA DELAS, SEMPRE PRESTANDO APOIO AOS COMPANHEIROS QUE PRECISAVAM DE UM LUGAR PARA MORAR. PARA ELE, O IMPORTANTE ERA QUE A VILA SE TRANSFORMASSE EM UM BAIRRO AGRAVÁVEL, EM QUE TODOS PUDESSEM MORAR DE MANEIRA

SONORA RICHARD PARTE 1 - [9min18s a 9min42s]

OFF

DIGNA E CONVIVER COM AMIZADE E MUITO RESPEITO.

LOC.3: A VILA, PRA VOCÊ, FOI TIPO UM RECOMEÇO, NÉ? PELA HISTÓRIA QUE VOCÊ CONTOU. VOCÊ CHEGOU AQUI SEM NADA..

LOC.1: UM RECOMEÇO! EU VIM COM UMA SACOLA DE LIXO, MANO. UMA SACOLA DE LIXO. IMAGINA! HOJE EU TENHO UMA CASA.

LOC.2: HOJE CÊ TEM UMA CASA, TEM TRABALHO, TEM UMA FAMÍLIA QUE VOCÊ CONSTRUIU AQUI.

LOC.1: EU TENHO UMA FAMÍLIA. FAMÍLIA SERRINHA, TEM FAMÍLIA COM A MUIÉ, COM TODO MUNDO. GRAÇAS A DEUS.

LOC. 2: ESTE EPISÓDIO DO PODCAST "SE ESSA VILA FOSSE MINHA" FOI PRODUZIDO E APRESENTADO POR AMANNA BRITO E PEDRO VIEIRA. ROTEIRO POR AMANNA BRITO. EDIÇÃO POR PEDRO VIEIRA.

LOC. 3: ESTA SÉRIE DE PODCAST FAZ PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO "SE ESSA VILA FOSSE MINHA: RELATOS SONOROS DAS VIVÊNCIAS NA VILA SERRINHA", ELABORADO POR AMANNA BRITO E PEDRO VIEIRA, COM ORIENTAÇÃO DE HILA RODRIGUES, PARA A CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.

--	--

REFERÊNCIAS:

Portal Da Cidade. **Altos preços assustam quem busca um imóvel para alugar.** Disponível Em:

<
<https://mariana.portaldacidade.com/noticias/cidade/altos-precos-assusta-quem-busca-um-imovel-para-alugar-4037> > Acesso em 26 de ago. 2022.

Jornal O Tempo. **Preço do aluguel residencial em Belo Horizonte sobe 4,3% em 2021.** Disponível em:

<<https://www.otempo.com.br/economia/preco-do-aluguel-residencial-em-belo-horizonte-sobe-4-3-em-2021-1.2545662> > Acesso em 26 de ago. 2022.

ROTEIRO EPISÓDIO 3 - KARLA E LIRIEL

TÉCNICA	LOCUÇÃO
LOC. 1: LIRIEL LOC. 2: AMANNA LOC. 3: PEDRO LOC. 4: KARLA LOC. 5: JAMIL ABJAUD	
SONORA: KARLA SERRINHA 2 [11min18s]	LOC. 4: PORQUE TEVE MUITA AGRESSÃO, MUITA AMEAÇA NO PRINCÍPIO [CORTE] ENTÃO, TIPO ASSIM, VOCÊ ACHA QUE ELA TAVA LÁ SIMPLEMENTE PORQUE ELA QUERIA ESTAR LÁ COM SEU FILHO DE QUATRO MESES?
SONORA: KARLA SERRINHA 2 [16min43s]	LOC. 4: ENTÃO, ELES ACABAM QUE MORAM, TÃO DENTRO DO LUGAR, PAGA IMPOSTO, VIVE, GERA DINHEIRO PRA CIDADE, MAS É INDIGENTE.
SONORA: KARLA SERRINHA 2 [14min35s]	LOC. 4: AÍ, VOCÊ É MORADOR DA INVASÃO, VOCÊ NÃO TEM OS DIREITOS DA CONSTITUIÇÃO. PORQUE DIREITO À MORADIA TÁ NA CONSTITUIÇÃO. E AÍ VOCÊ VAI FAZER O QUE PRA VOCÊ MORAR?
RODA VINHETA – ARQUIVO.MP3	
OFF	LOC. 2: OLÁ! MEU NOME É AMANNA BRITO LOC. 3: E EU SOU O PEDRO VIEIRA LOC. 2: E ESSE É O TERCEIRO EPISÓDIO DO PODCAST “SE ESSA VILA FOSSE MINHA”. AQUI VAMOS TRAZER DIÁLOGOS COM ALGUNS MORADORES DA VILA SERRINHA, OCUPAÇÃO QUE RESISTE HÁ CERCA DE TRÊS ANOS, NA REGIÃO DA CIDADE ALTA EM MARIANA (MINAS GERAIS). LOC. 3: ESTE EPISÓDIO É DEDICADO ÀS VIVÊNCIAS DE KARLA E LIRIEL.

SOM DE TRANSIÇÃO

SONORA: KARLA E LIRIEL [20s]

SONORA: KARLA E LIRIEL [40s]

OFF

SONORA: KARLA SERRINHA 2 [10min13s]

LOC. 2: AGORA NÓS VAMOS CONVERSAR COM LIRIEL. É LIRIEL QUE FALA, NÉ?

LOC. 1: É

LOC. 2: VOCÊ QUE É MÃE DO MENININHO QUE PASSOU AQUI AGORA, NÉ?

LOC. 1: É

LOC.2: E TEM QUANTO TEMPO QUE VC TÁ AQUI, LIRIEL?

LOC.1: NÃO SEI TE FALAR AO CERTO, NÃO. MAS DESDE O INÍCIO. DESDE AS PRIMEIRAS QUE TEVE AÍ, DEPOIS DELE. AÍ EU TÔ AÍ.

LOC. 2: E COMO É QUE VOCÊ DESCOBRIU AQUI?

LOC.1: É PORQUE A GENTE MORA AQUI EM CIMA, NÉ?

LOC.2: HM, AÍ VC VIU O PESSOAL CHEGANDO E FALOU "AH VOU FAZER MINHA CASINHA TAMBÉM"

LOC.1: É, AÍ A GENTE VEIO TAMBÉM

LOC.3: LIRIEL É FILHA DE KARLA, A COMERCIANTE QUE TEM UMA VENDINHA UM POUCO ANTES DA ENTRADA DA VILA SERRINHA, A MESMA QUE APARECEU NO EPISÓDIO ANTERIOR, COM RICHARD. ELAS SEMPRE MORARAM PELAS REDONDEZAS E VIRAM A VILA COMEÇAR A SE FORMAR.

LOC.2: KARLA, QUE TAMBÉM ESTAVA PRESENTE, NOS CONTA QUE A FILHA LIRIEL TEVE QUE SE MUDAR PARA A VILA SERRINHA POR NÃO TER CONDIÇÕES DE ALUGAR UMA CASA. NA ÉPOCA, O FILHO DE LIRIEL TINHA POUCOS MESES DE VIDA E ELES ENFRENTARAM MUITAS DIFICULDADES.

LOC.4: ENTÃO O QUE QUE ACONTECE? ELA MUDOU PRA CÁ, ELA O MARIDO E O FILHO PEQUENO, QUE TINHA QUATRO OU CINCO MESES, SEM ÁGUA E SEM LUZ, PORQUE ELA NÃO TINHA ONDE MORAR. [CORTE]

AÍ ELA: "OH MÃE COMO EU VOU FAZER?" E

EU: "OH MINHA FILHA, EU NÃO TENHO CONDIÇÕES DE TE DAR UM LUGAR PARA MORAR". SE EU TIVESSE NÉ? "AH ENTÃO EU VOU CONSTRUIR LÁ". CONSTRUIU DOIS CÔMODOS E UM BANHEIRO E FOI MORAR COM O FILHO LÁ. CÊ IMAGINA OS RISCOS QUE O

OFF

SONORA: KARLA E LIRIEL - [6min46s a 7min35s]

MEU NETO PASSOU? OS RISCOS QUE ELA PASSOU. PORQUE, ATÉ ENTÃO, SÓ TINHA ESPETINHO, ELA E ADILSON [CORTE] O PESSOAL AINDA COMEÇANDO A CONSTRUIR, MUITOS COM MEDO [CORTE] PORQUE TEVE MUITA AGRESSÃO, MUITA AMEAÇA NO PRINCÍPIO [CORTE] ENTÃO TIPO ASSIM, VOCÊ ACHA QUE ELA TAVA LÁ SIMPLEMENTE PORQUE ELA QUERIA ESTAR LÁ COM SEU FILHO DE QUATRO MESES?

LOC.2: ELA NÃO IA SE ARRISCAR À TOA, NÉ?

LOC.4: ELA SÓ PRECISAVA DE UM LUGAR PARA MORAR."AH MÃE, FUI NUM LUGAR SOCIAL E ELES FALOU QUE A MINHA FAMÍLIA NÃO ENCAIXA NO ALUGUEL SOCIAL"...

LOC.3: KARLA E LIRIEL CONTAM SOBRE A DIFICULDADE DE SE ADQUIRIR OS BENEFÍCIOS SOCIAIS NA CIDADE DE MARIANA. SEGUNDO ELAS, LIRIEL JÁ FEZ O PEDIDO DO ALUGUEL SOCIAL, MAS NÃO FOI SELECIONADA. ALÉM DISSO, PARA GANHAR DONATIVOS, COMO CESTAS BÁSICAS DA PREFEITURA, EXISTE UMA BUROCRACIA MUITO GRANDE, E AS DOAÇÕES NÃO SÃO FEITAS TODOS OS MESES.

LOC.4: E ASSIM É COM TODOS OS BENEFÍCIOS AQUI DENTRO DE MARIANA. EM GERAL.

LOC.2: VOCÊ TEM QUE NÃO TER NADA PRA CONSEGUIR ALGUMA COISA...

LOC.4: IGUAL ELA AGORA, ELA TÁ DESEMPREGADA E O MARIDO TAMBÉM. ELES ESTÃO MEXENDO NA CASA DELES, NO QUE DÁ. ELA TINHA IDO BUSCAR UMA CESTA BÁSICA LÁ. MAS PRA ELA PEGAR UMA CESTA BÁSICA ELA TEVE QUASE QUE PASSAR O DNA INTEIRO DA FAMÍLIA DELA LÁ.

LOC. 2: PRA PROVAR QUE NÃO TINHA RENDA NENHUMA

LOC.4: ISSO... E É SÓ DE DOIS EM DOIS MESES. [CORTE] E UM PACOTE DE CADA COISA.

LOC.2: MEU DEUS... UM PACOTE DE MACARRÃO PRA DURAR DOIS MESES... E ESSA CESTA

OFF

BÁSICA VOCÊS PEGAM ONDE?

LOC.4: NA PREFEITURA

LOC.1: VOCÊ TEM QUE FAZER O CADASTRO, AÍ TODO MÊS QUE VOCÊ VAI, VOCÊ TEM QUE MOSTRAR AS MESMAS COISAS, OS DADOS TODOS DE NOVO.

LOC.3: SEGUNDO O SITE DA PREFEITURA DE MARIANA, O BENEFÍCIO DA CESTA BÁSICA É CONCEDIDO A PARTIR DOS CRITÉRIOS CONTIDOS NA LEI ORGÂNICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, NA POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E NA RESOLUÇÃO 05/2012 DO CONSELHO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL.

LOC.2: DE ACORDO COM ESSES CRITÉRIOS, PARA TER DIREITO A CESTA BÁSICA, A RENDA PER CAPTA DA FAMÍLIA DEVE SER DE UM QUARTO DO SALÁRIO MÍNIMO. OU SEJA, A RENDA TOTAL DA CASA, DIVIDIDA PELA QUANTIDADE DE MORADORES, NÃO PODE ULTRAPASSAR 303 REAIS POR PESSOA, LEVANDO EM CONTA O SALÁRIO MÍNIMO DE 2022, QUE É 1.212 REAIS.

LOC.3: NA CASA DE LIRIEL MORAM TRÊS PESSOAS: ELA, SEU MARIDO E SEU FILHO. SENDO ASSIM, PARA ADQUIRIR O BENEFÍCIO DA CESTA BÁSICA, A SUA RENDA FAMILIAR PODERIA IR ATÉ, NO MÁXIMO, 909 REAIS, OU SEJA, MENOS QUE UM SALÁRIO MÍNIMO.

LOC.2: ENTRAMOS EM CONTATO COM A PREFEITURA PARA ENTENDER UM POUCO MAIS SOBRE OS CRITÉRIOS DE CONCESSÃO DESSES BENEFÍCIOS. SEGUNDO JAMIL ABJAUD, ASSESSOR ESPECIAL DO PREFEITO, A CESTA BÁSICA É CONCEDIDA DE ACORDO COM A QUANTIDADE DE PESSOAS NA FAMÍLIA E PODE SER ENTREGUE TODO MÊS OU DE DOIS EM DOIS MESES.

SONORA “LIGAÇÃO PREFEITURA” - [3min2s a 3min17s]

OFF

SONORA “LIGAÇÃO PREFEITURA” - [2min02s]

OFF

LOC.5: TEM GENTE QUE PEGA TODOS OS MESES E OUTRAS DE DOIS EM DOIS MESES. POR QUE ELA É UMA CESTA GRANDE...ENTÃO DEPENDENDO DA FAMÍLIA RECEBE OU DE DOIS EM DOIS MESES, DE ACORDO COM O NÚMERO DE PESSOAS NA CASA.

LOC.2: PERGUNTAMOS TAMBÉM A RESPEITO DA RENDA FAMILIAR MÁXIMA PARA SE CONSEGUIR A CESTA BÁSICA E O ALUGUEL SOCIAL.

LOC.5: A RENDA PER CAPTA, EU NÃO CONHEÇO DIREITO, NÃO, MAS ACHO QUE É 250 REAIS POR PESSOA. [CORTE] EU ACREDITO QUE SEJA MAIS OU MENOS POR ESSE CAMINHO.

LOC.2: EM RELAÇÃO AO ALUGUEL SOCIAL, É A MESMA RENDA?

LOC.5: O ALUGUEL SOCIAL É O MESMO VALOR.

LOC.3: COMO PODEMOS PERCEBER, DE ACORDO COM CRITÉRIOS LEGAIS, PARA SE OBTER OS BENEFÍCIOS DO ALUGUEL SOCIAL E DA CESTA BÁSICA, A FAMÍLIA PRECISA ESTAR EM SITUAÇÃO DE EXTREMA NECESSIDADE.

LOC.2: MESMO NO CASO DE LIRIEL, EM QUE ELA E O MARIDO SE ENCONTRAM DESEMPREGADOS, AINDA EXISTE GRANDE BUROCRACIA NA CONCESSÃO DOS BENEFÍCIOS. A CESTA BÁSICA, QUE, SEGUNDO O ASSESSOR, É BEM GRANDE, NÃO COSTUMA DURAR O MÊS INTEIRO E, SEM DIREITO AO BENEFÍCIO MENSAL, A FAMÍLIA DE LIRIEL CONTINUA PASSANDO POR DIFICULDADES.

LOC.3: JÁ QUE O PODER PÚBLICO NÃO GARANTE OS DIREITOS FUNDAMENTAIS PARA A SUBSISTÊNCIA, OS MORADORES DE MARIANA SE VEEM OBRIGADOS A CORRER ATRÁS DESSES DIREITOS. ASSIM, A VILA SERRINHA SE OCUPA DE PESSOAS QUE SE ORGANIZAM E, DE MANEIRA COLETIVA, LEVANTAM UM BAIRRO COM AS PRÓPRIAS MÃOS.

SONORA: KARLA SERRINHA 1 [3min5s a 4min5s]

SONORA: KARLA SERRINHA 2 [15min45s a 15min57s]

SONORA: KARLA SERRINHA 2 [16min43s a 16min51s]

OFF

LOC.4: TUDO MUITO BEM ORGANIZADO, AS RUAS AQUI...JUNTOU A POPULAÇÃO, A PRÓPRIA POPULAÇÃO COMPRA O CONCRETO E TÁ CONCRETANDO AS RUAS. ENTÃO ISSO JÁ TÁ FAZENDO A FUNÇÃO DA POLÍTICA. DA PREFEITURA. ELE NÃO VAI DAR MORADIA GRATUITA PRA NINGUÉM. ATÉ PORQUE NINGUÉM QUER ESMOLA. A PESSOA QUER É VIVER DO SEU PRÓPRIO TRABALHO, PAGAR SUA PRÓPRIA CASA. COMO ELE NÃO TEM CONDIÇÃO DE ACESSO PARA PODER COMPRAR, UM INVADIU, "AH EU VOU INVADIR TAMBÉM" E AÍ SUCESSIVAMENTE. TÁ AJUDANDO DE TODA FORMA, A CIDADE TÁ CRESCENDO. VAI DESENVOLVENDO. IGUAL SAIU UMA NOTA NO JORNAL HÁ UNS SEIS MESES ATRÁS, SE NÃO ME ENGANO, QUE TÁ VIRANDO FAVELA E LOCAL DE BANDIDOS. GENTE, ISSO É UM ABSURDO! [CORTE] É SÓ GENTE TRABALHADOR.

LOC.4: SÃO MORADORES DE BEM, TRABALHADORES DEMAIS E CHEGA AÍ DANDO DURO. TEM VEZES QUE ÀS CINCO HORAS DA MANHÃ CÊ TÁ VENDENDO O PESSOAL PASSANDO. indo trabalhar.

LOC.4: ENTÃO, ELES ACABAM QUE MORAM, TÃO DENTRO DO LUGAR, PAGA IMPOSTO, VIVE, GERA DINHEIRO PRA CIDADE, MAS É INDIGENTE.

LOC.2: MOVIMENTA NÉ, A ECONOMIA DA CIDADE? MAS NÃO TÊM OS DIREITOS QUE AS OUTRAS PESSOAS TÊM.

LOC. 4: OS DIREITOS ESTÃO SENDO NEGADOS TODOS OS DIAS PRA ELES. PROCÊ TER UMA IDEIA É QUE AGENTE DE SAÚDE NÃO VEM NO VILA SERRINHA. AGENTE DE SAÚDE NÃO. E TODOS OS DIAS EU VEJO UMA RECLAMAÇÃO DE UMA MULHER QUE ESTÁ SAINDO AÍ CORRENDO COM O MENINO COM A FEBRE, COM O NEGÓCIO QUALQUER CORRENDO, A DISTÂNCIA QUE ESSE PESSOAL ANDA, ANTES NEM CARRO DE APLICATIVO VINHA SÓ ATÉ AQUI NO VIRADOURO, NUM IA TÁ LÁ NÃO, HOJE TEM UM OU OUTRO QUE SOBE, QUE SOBE, MAS A MAIORIA TEM PRECONCEITO. VOCÊ FALOU, MORO NO VILA SERRINHA...

LOC. 3: O ACESSO DOS MORADORES DA VILA

SONORA: KARLA E LIRIEL [2min40s a 3min42s]

SERRINHA AO TRANSPORTE DA CIDADE É BEM COMPLICADO. NÃO HÁ TRANSPORTE PÚBLICO QUE ATENDA O BAIRRO E MUITAS VEZES OS MOTORISTAS DE APLICATIVO TAMBÉM SE NEGAM A ATENDER A REGIÃO. O PONTO DE ÔNIBUS MAIS PRÓXIMO ESTÁ A CERCA DE 15 MINUTOS DA ENTRADA DA VILA SERRINHA. PARA QUEM MORA NAS PRIMEIRAS CASAS, A DISTÂNCIA AINDA É ACESSÍVEL. JÁ PARA QUEM MORA NA PARTE FINAL DA VILA, O TRAJETO PARA O PONTO DE ÔNIBUS PODE CHEGAR A CERCA DE 30 MINUTOS DE CAMINHADA.

LOC.2: LIRIEL PRETENDE COLOCAR O FILHO NA CRECHE EM BREVE E A FALTA DE TRANSPORTE JÁ É UM DOS PROBLEMAS QUE ELA SABE QUE VAI ENFRENTAR.

LOC.2: VOCÊ FALOU QUE VAI COLOCAR ELE NA ESCOLINHA ANO QUE VEM, NÉ?

LOC.1: É

[CORTE]

LOC.2: E COMO É QUE VOCÊ VAI FAZER PRA LEVAR ELE? VAI PEGAR ÔNIBUS ALI EMBAIXO?

LOC.1: NÃO. AÍ EU VOU TER QUE PAGAR VAN, NÉ? EU OPTEI PELA VAN QUE É MELHOR.

LOC. 2: QUE VEM ATÉ AQUI EM CIMA, NÉ? PORQUE ÔNIBUS NÃO VEM..

LOC.1: NÃO VEM ATÉ AQUI EM CIMA. ELE SÓ VEM ATÉ AQUI. ATÉ A MINHA CASA ELA NÃO VEM.

LOC.2: VOCÊ TEM QUE CAMINHAR COM ELE ATÉ AQUI.

LOC.1: É. E SÓ TEM UMA VAN QUE CAMINHA ATÉ LÁ EMBAIXO. AS OUTRAS NÃO VÊM.

LOC.2: E VAN FICA MUITO CARO?

LOC.1: EM TORNIO, PARA UMA CRIANÇA, DE 160 REAIS PRA IR ATÉ NA MONSENHOR JOSÉ COTA

LOC.2: QUE AINDA É NA REGIÃO, NÉ?

LOC.4: PODE IR ATÉ 240 REAIS.

LOC.3: MUITO CARO

LOC.2: O ÔNIBUS AGORA QUE É TARIFA GRÁTIS, SE TIVESSE AQUI NÃO PAGAVA NADA, NÉ? DAVA PRA DEIXAR ELE LÁ E VOLTAR TRANQUILO.

LOC.1: VERDADE.

OFF

SONORA: KARLA SERRINHA 2 [7min02s a 7min44s]

SONORA: KARLA SERRINHA 2 [14min35s]

OFF

SONORA: KARLA SERRINHA 1 [2min37s a 2min50s]

LOC.3: MARIANA, ATUALMENTE, POSSUI O PASSE LIVRE, OU SEJA, O TRANSPORTE PÚBLICO É GRATUITO PARA TODOS. NO ENTANTO, SE O ÔNIBUS NÃO CHEGA ATÉ A VILA, OS MORADORES NÃO CONSEGUEM USUFRUIR DESSE BENEFÍCIO.

LOC.4: AS PESSOAS, PRINCIPALMENTE MULHERES, TRABALHAM. MÃES DE FAMÍLIA, QUE VEM COM SUAS CRIANÇAS, VEM DO SERVIÇO, PEGA SUAS CRIANÇAS ONDE DEIXA, VAI ESSE CAMINHO TODO COM LANTERNA, ACENDENDO O CAMINHO, PORQUE NÃO TEM LUZ... ENTÃO ESSE PESSOAL NÃO TÁ AQUI DE BOBEIRA PRA BRINCAR. ESSA POPULAÇÃO NÃO TÁ AQUI PORQUE "AH EU QUERO TER UMA CASA E DEPOIS EU VOU VENDER ELA OU EU QUERO FAZER UM LOTEAMENTO".

[CORTE]

LOC.2: O DESEJO MAIOR É MORAR.

LOC.4: O DESEJO MAIOR É MORAR.

LOC.4: AÍ VOCÊ É MORADOR DA INVASÃO, VOCÊ NÃO TEM OS DIREITOS DA CONSTITUIÇÃO. PORQUE DIREITO À MORADIA TÁ NA CONSTITUIÇÃO. E AÍ VOCÊ VAI FAZER O QUE PRA VOCÊ MORAR?

LOC.3: COMO A KARLA FALOU, O DIREITO À MORADIA É UM DIREITO INSTITUÍDO PELA CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA DE 1988, EM SEU ARTIGO SEXTO. ALÉM DISSO, A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS, EM 1948, TAMBÉM LEGITIMOU A HABITAÇÃO COMO UM DIREITO INTERNACIONAL. MAIS RECENTEMENTE, O ESTATUTO DA CIDADE, LEI 10.257 DE 2001, REGULOU O USO DA PROPRIEDADE URBANA EM FUNÇÃO DO BEM COLETIVO.

LOC.2: DESSA FORMA, APARATOS LEGAIS EXISTEM PARA GARANTIR O DIREITO DE MORAR. NO ENTANTO, NA PRÁTICA, ESSE DIREITO NÃO TEM SIDO GARANTIDO, E QUEM OPTA POR OCUPAR UM ESPAÇO PARA RESIDIR COSTUMA SER VISTO COM MAUS OLHOS.

LOC.4: MAS Ó, COM A INVASÃO MONTOU UMA PADARIA ALI, E ELES OLHAM SÓ O LADO RUIM DA SITUAÇÃO. MUITA GENTE DEIXOU

SONORA: KARLA SERRINHA 2 [5min50s a 6min03s]

SONORA: KARLA SERRINHA 2 [5min17s a 5min26s]

OFF

DE PAGAR ALUGUEL, UM ALUGUEL ABSURDO DESSES. SAI DE EXTREMA POBREZA PRA UMA SITUAÇÃO MAIS TRANQUILA.

LOC.4: ENTÃO, EM MAIORIA, SÃO PESSOAS QUE REALMENTE TAVAM NO ÚLTIMO MOMENTO DA VIDA, OU EU FAÇO ISSO AGORA, CORRO ESSE RISCO OU EU FICO SEM ONDE MORAR. EU E MINHA FAMÍLIA. ENTÃO É UM DIREITO DE CADA UM.

LOC.2: TER ESTABILIDADE NÉ? PODER MORAR EM UM LUGAR SABENDO QUE É SEU.

LOC.4: SABENDO QUE É SEU. ENTÃO A MAIORIA DO VILA SERRINHA SÃO PESSOAS QUE REALMENTE NÃO TINHAM MAIS OUTRA SAÍDA.

LOC. 2: ESTE EPISÓDIO DO PODCAST "SE ESSA VILA FOSSE MINHA" FOI PRODUZIDO E APRESENTADO POR AMANNA BRITO E PEDRO VIEIRA. ROTEIRO POR AMANNA BRITO. EDIÇÃO POR PEDRO VIEIRA.

LOC. 3: ESTA SÉRIE DE PODCAST FAZ PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO "SE ESSA VILA FOSSE MINHA: RELATOS SONOROS DAS VIVÊNCIAS NA VILA SERRINHA", ELABORADO POR AMANNA BRITO E PEDRO VIEIRA, COM ORIENTAÇÃO DE HILA RODRIGUES, PARA A CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.

REFERÊNCIAS:

Prefeitura de Mariana. **Entenda os critérios da distribuição de cesta básica.** Disponível em <

<https://www.mariana.mg.gov.br/noticia/3624/entenda-os-criterios-da-distribuicao-de-cesta-basica> > Acesso em 12 de set. de 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=Art.%206%C2%BA%20S%C3%A3o%20direitos%20sociais,desamparados%2C%20na%20forma%20desta%20Constitui%C3%A7%C3%A3o > Acesso em 13 de set. de 2022.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** da ONU. Disponível em : <
<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> > Acesso em 13 de set. de 2022.

Constituição Federal Brasileira de 1988. BRASIL, Lei 10.257/2001. **Estatuto da Cidade.** Presidente da República em 10 de julho de 2001. Disponível em <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm > Acesso em 13 de set. de 2022.

ROTEIRO EPISÓDIO 4 - JOSÉ

TÉCNICA	LOCUÇÃO O
LOC. 1: JOSÉ LOC. 2: AMANNA LOC. 3: PEDRO LOC. 4: RICHARD SONORA: JOSÉ SERRINHA [7min20s] SONORA: JOSÉ SERRINHA [15min25s] SONORA: JOSÉ SERRINHA [8min27s] RODA VINHETA – ARQUIVO.MP3 OFF	LOC.1: O DINHEIRO RENDE UM BOCADINHO. A GENTE PAGA UMAS CONTAS...TEM HORA QUE NÃO DÁ NÃO, SE NÃO FIZER HORA EXTRA, MINHA FILHA... LOC.1: QUANDO TAVA CHOVENDO AQUI Ó, VOCÊ PODE PERGUNTAR ESPETINHO, O CARRO NÃO SUBIA DE LÁ PARA CÁ, NÃO. FICAVA TUDO NA PRACINHA LÁ, NÉ, ESPETO? LOC.1: AÍ DEPOIS, SE DEUS ME ABENÇOAR, EU VOU VER SE AUMENTO O QUARTO MAIS E FAÇO MAIS UM, PORQUE QUASE SEMPRE QUE VEM MINHA FILHA PRA CÁ, NÉ? AÍ EU FAZENDO UM QUARTO... LOC.2: VOCÊ QUER TER UM CANTINHO PRA ELA, NÉ? LOC. 1: É. UM CANTINHO PRA ELA. LOC.2: OLÁ! MEU NOME É AMANNA BRITO LOC.3: E EU SOU O PEDRO VIEIRA LOC.2: E ESSE É O QUARTO EPISÓDIO DO PODCAST "SE ESSA VILA FOSSE MINHA". AQUI VAMOS TRAZER DIÁLOGOS COM ALGUNS MORADORES DA VILA SERRINHA, OCUPAÇÃO QUE RESISTE HÁ CERCA DE TRÊS ANOS, NA REGIÃO DA CIDADE ALTA EM MARIANA (MINAS GERAIS). LOC.3: ESTE EPISÓDIO É DEDICADO ÀS VIVÊNCIAS DE JOSÉ SOUZA. JOSÉ É UM HOMEM TRABALHADOR, QUE DÁ DURO TODOS OS DIAS PARA CONSEGUIR MANTER SUA FAMÍLIA. LOC.2: FOMOS LEVADOS ATÉ A CASA DELE POR RICHARD, SEU GRANDE AMIGO, AQUELE

SOM DE TRANSIÇÃO

SONORA: JOSÉ SERRINHA [16s]

SONORA: JOSÉ SERRINHA [40s]

SONORA: JOSÉ SERRINHA [1min54s a 2min36s]

OFF

DO EPISÓDIO ANTERIOR, O "ESPETINHO", PRIMEIRO MORADOR DA VILA SERRINHA. RICHARD E JOSÉ SE CONHECEM HÁ ALGUNS ANOS E JÁ PARTILHARAM DIFÍCEIS MOMENTOS NA LUTA POR MORADIA.

LOC.4: TEM COMIDA PRONTA AÍ?

LOC.1: COMIDA PRONTA NÃO TEM, NÃO. TEM CAFÉ, VOCÊ QUER CAFÉ?

LOC.4: ELES VÃO CONVERSAR COM VOCÊS AÍ Ó.

LOC.2: OH GENTE, LICENÇA, VIU. DESCULPA AÍ O TRABALHO. [CORTE] OLÁ, TUDO BEM?

LOC.3: BOA TARDE

LOC.2: OH JOSÉ, EU SOU AMANNA, ELE É PEDRO, A GENTE É DA UFOP E ESTAMOS FAZENDO UM TRABALHO SOBRE O BAIRRO. A GENTE TÁ CONVERSANDO COM ALGUMAS PESSOAS, ESPETINHO TÁ AJUDANDO A GENTE AÍ. MAS A GENTE QUER SABER [CORTE] COMO É QUE VOCÊ DESCOBRIU AQUI, QUANTO TEMPO TEM QUE VOCÊ CONSTRUIU ESSA CASA... VOCÊ É DE MARIANA MESMO?

LOC.4: EU REALMENTE SOU LÁ DA VARGEM, NÉ? EU VIM PARA MARIANA DESDE 5 ANOS DE IDADE. E EU SEMPRE PAGAVA ALUGUEL, EU NÃO TINHA LUGAR NENHUM PARA MORAR, AÍ EU VIM INVADIR, EU CONSTRUI AQUI, AÍ EU NÃO PAGO MAIS ALUGUEL, NÉ.

LOC.2: VOCÊ FALOU QUE VEIO DA VARGEM? É UM DISTRITO DE MARIANA?

LOC.4: É DISTRITO DE MARIANA.

LOC.3: VARGEM, LUGAR ONDE JOSÉ NASCEU, É UM SUBDISTRITO DE PADRE VIEGAS, DISTRITO DE MARIANA. A COMUNIDADE POSSUI CERCA DE 2 MIL HABITANTES E É CONHECIDA PELA TRANQUILIDADE E PELO FESTIVAL DE CUSCUZ QUE ACONTECE TODO ANO.

SONORA: JOSÉ SERRINHA [2min52]

SONORA: JOSÉ SERRINHA [4min49s a 5min58s]

OFF

LOC.2: E AÍ TEM QUANTO TEMPO QUE VOCÊ TÁ AQUI NA SERRINHA?

LOC.1: AQUI TÁ FAZENDO DOIS ANOS.

LOC.2: FOI DURANTE A PANDEMIA ENTÃO QUE VOCÊ VEIO PRA CÁ?

LOC.1: ISSO.

LOC.2: VOCÊS LEVANTARAM A CASA AQUI VOCÊS MESMO?

LOC.1: FOI, NÓS MESMO. NÓS COMEÇOU SETE HORAS DA NOITE E FOI ATÉ QUATRO HORAS DA MANHÃ.

LOC.2: UMA NOITE SÓ?

LOC.1: UMA NOITE SÓ. COM A LANTERNA DAQUELE NEGÓCIO ALI DO CARRO. NO ESCURO. EU LEMBRO ATÉ HOJE QUE EU NÃO ESQUEÇO, NÃO. EU TAVA LÁ EM BELO HORIZONTE, PORQUE EU TRABALHO FORA. E NÃO TEM CONDIÇÃO DE EU FAZER NADA. PAGO ALUGUEL, TRABALHO FORA... AÍ O GUARDA ESTAVA VINDO E FALOU "NÃO AÍ VOCÊ FAZ SEU BARRACO E CAI PRA DENTRO QUE AÍ NÓS NÃO DERRUBA, NÃO. NÓS VÊ QUE TEM MORADOR E NÃO DERRUBA, NÃO".

LOC.2: HUM, ENTÃO TEM QUE FAZER RÁPIDO, NÉ?

LOC.3: TEM QUE FAZER E JÁ MORAR, NÉ?

LOC.2: PORQUE SE DEIXAR NA METADE, ELES VEM AQUI E DERRUBAM.

LOC.3: E FOI VOCÊ E QUANTAS PESSOAS QUE VIERAM NESSA MADRUGADA?

LOC.1: FOI EU, MEU ENTEADO WILLIAM, BUBU, ADMILSON, SEU ZÉ, PARADA E O MENINO QUE VEIO AQUI... THIAGO TAMBÉM.

LOC.2: COM A AJUDA DE CERCA DE OITO AMIGOS, JOSÉ CONSTRUIU SUA CASA EM UMA MADRUGADA. TUDO FOI FEITO COM MUITA RAPIDEZ, PORQUE COMO ELE MESMO EXPLICOU, UM GUARDA LHE ALERTOU QUE CASO HOUVESSE PESSOAS MORANDO NA CASA, ELES NÃO PODERIAM DERRUBAR. ASSIM, PARA GARANTIR SUA MORADIA, JOSÉ LEVANTOU SUA CASA RAPIDAMENTE E SE ALOJOU ALI, NA MESMA NOITE.

LOC.3: COMO COMENTAMOS NO PRIMEIRO EPISÓDIO, O PROJETO DE LEI 827 DE 2020 SUSPENDEU AS AÇÕES DE DESPEJO DURANTE A PANDEMIA. ATUALMENTE, O PROJETO FOI CONVERTIDO PARA A LEI DE NÚMERO 14.216/2021 E TEVE SEU PERÍODO DE VIGÊNCIA PRORROGADO PELO STF PARA OUTUBRO DE 2022, SEGUNDO REPORTAGEM DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO.

LOC.2: DESSE MODO, ESTÃO PROIBIDAS AS AÇÕES DE DESOCUPAÇÃO DE IMÓVEIS ATÉ OUTUBRO DESTA ANO. PROVAVELMENTE, POR ESSE MOTIVO O GUARDA QUE CONVERSOU COM JOSÉ AFIRMOU QUE NÃO PODERIA BOTÁ-LO PARA FORA, CASO JÁ ESTIVESSE ESTABELECIDO RESIDÊNCIA NAQUELE LOCAL. JOSÉ CONSTRUIU SUA CASA DURANTE A PANDEMIA E, POR ISSO, TEVE SEU DIREITO RESGUARDADO. NO ENTANTO, MORADORES COMO ADILSON E RICHARD, QUE LEVANTARAM SUAS CASAS ANTES DA VIGÊNCIA DA LEI, NÃO TIVERAM A MESMA SEGURANÇA.

LOC.3: COM O AVANÇO DA VACINAÇÃO E A DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DE CASOS DE COVID, OS MORADORES DAS OCUPAÇÕES VOLTARAM A TEMER OS DESPEJOS E OS DERRUBAMENTOS DE CASAS.

SONORA: JOSÉ SERRINHA [8min40s a 9min3s]

LOC.2: E VOCÊ TEM MEDO DE ESTAR AQUI E CHEGAR UNS GUARDAS QUERENDO DERRUBAR? OU HOJE VOCÊ ESTÁ BEM ESTABILIZADO NESSA QUESTÃO?

LOC.1: A GENTE ATÉ FICA COM MEDO, SÓ QUE HOJE, GRAÇAS A DEUS, ELES NÃO VÊM PRA MEXER COM NÓS AQUI, NÃO. ELES VÊM, CHEGA ALI E FICA DO LADO DA ESTRADA ALI, PASSA, OLHA, E FALA "NÃO, AQUI COM VOCÊS NÓS NÃO VAMOS MEXER, NÃO. PORQUE VOCÊS SÃO TRANQUÍLOS"

SONORA: JOSÉ SERRINHA [18min45s a 19min6s]

LOC.1: EU ME SINTO MAIS SEGURO AQUI DO QUE LÁ DENTRO DA CIDADE.

LOC.2: DO QUE LÁ EMBAIXO, NÉ?

LOC.1: É, TEM MEDO DEMAIS, MINHA FILHA. DE CARRO, MOTO. EU VIM PRA

SONORA: JOSÉ SERRINHA [10min28s a 11min14s]

OFF

SONORA: JOSÉ SERRINHA [6min50s a 7min40s]

AQUI, GRAÇAS A DEUS, NÉ.

LOC.3: CALMARIA, NÉ

LOC.2: AQUI VOCÊS CONHECEM TODO MUNDO. UM AJUDA O OUTRO.

LOC.1: AQUI EU CONHEÇO TODO MUNDO

LOC.4: AQUI É TRANQUILO DEMAIS À NOITE. OH A PAISAGEM LÁ EMBAIXO

LOC.2: É, AQUI CÊ TEM UMA VISTA CHIQUE, VIU.

LOC.2: VOCÊ PLANTA UMAS COISAS AQUI?

LOC.1: PLANTO. TEM MANDIOCA, COUVE, ALFACE.

LOC.3: ESSAS HORTAS AQUI SÃO TODAS DE VOCÊS?

LOC.1: É, TUDO AÍ. TEM GALINHA, MINHAS CRIAÇÕES QUE EU GOSTO DEMAIS.

[CORTE]

LOC.2: ISSO AQUI VOCÊS PEGAM PRA VOCÊS MESMO OU CHEGA A VENDER TAMBÉM?

LOC.1: NÃO, ISSO AQUI NÓS PEGA PRA NÓS. MAS PRA VENDER NÓS VENDE TAMBÉM.

LOC.4: EU VOU TER QUE VIR CÁ PEGAR UM POUQUINHO DO SEU, VIU. VOCÊ SABE QUE EU SOU CARA DURA.

LOC.2: JÁ TEM OVO AÍ QUE PEGA DAS GALINHAS, NÉ? JÁ DÁ UMA AJUDA.

LOC.1: É, DÁ UMA AJUDA.

LOC.3: A CASA DE JOSÉ É UMA DAS ÚLTIMAS DA VILA SERRINHA, LOCALIZADA BEM NO ALTO DO MORRO. PELA SUA JANELA CONSEGUIMOS TER UMA BELA VISTA DAS CIDADES DE MARIANA E OURO PRETO.

LOC.2: ALÉM DA VISTA BONITA, A CASA DE JOSÉ TEM UM QUINTAL ESPAÇOSO, ONDE ELE FEZ UMA HORTA E UM GALINHEIRO. NA RESIDÊNCIA MORAM JOSÉ E SUA ESPOSA, MAS ELES RECEBEM CONSTANTEMENTE A VISITA DA FILHA DELE E DO SEU ENTEADO. SUA HORTINHA TEM ASSIM AJUDADO NA ALIMENTAÇÃO E NA RENDA DE SUA FAMÍLIA.

LOC.3: MAS A PRINCIPAL FONTE DE RENDA DE JOSÉ ESTÁ NO SEU TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL.

LOC.2: COM O QUE VOCÊ TRABALHA HOJE, JOSÉ?

LOC.1: EU TRABALHO DE AJUDANTE. EU ERA SUPERADOR/EXPEDIDOR. MEXIA COM ASFALTO

OFF

SONORA “JOSÉ SERRINHA” - [13min18s a 13min38s]

OFF

LÁ EM CONTAGEM, EM BELO HORIZONTE. AGORA QUE A EMPRESA QUE EU TÔ NELA NÃO TÁ MEXENDO COM ASFALTO, EU TÔ DE AJUDANTE, MEXENDO COM REFORMA DE CASA.

LOC.2: ISSO AQUI EM MARIANA MESMO?

LOC.1: EM MARIANA MESMO. EU TRABALHO [CORTE] PRA RENOVA.

LOC.2: AH, SIM. E AGORA QUE VOCÊ NÃO PRECISA PREOCUPAR COM ALUGUEL, O DINHEIRO TÁ RENDENDO MUITO MAIS, NÉ?

LOC.1: O DINHEIRO RENDE UM BOCADINHO. A GENTE PAGA UMAS CONTAS...TEM HORA QUE NÃO DÁ NÃO, SE NÃO FIZER HORA EXTRA, MINHA FILHA...

LOC.2: E OS TREM TÃO DIFÍCIL, NÉ? A FEIRA TÁ...

LOC.1: TÁ CARO. SE LEVAR UNS CEM REAIS É SÓ UM TIQUINHO DE TREM ASSIM Ó.

LOC.2: E O GÁS? CEM REAIS NÃO PAGA UM GÁS, NÉ?

LOC.1: NÃO PAGA, NÃO, CEM REAIS NÃO PAGA UM GÁS, NÃO. ESTÁ CENTO E TRINTA REAIS.

LOC.3: JOSÉ NOS CONTA QUE ACORDA CEDO PARA IR TRABALHAR, JUSTAMENTE POR NÃO TER TRANSPORTE PÚBLICO NA VILA SERRINHA. POR MORAR NA PARTE FINAL DO BAIRRO, ELE PRECISA CAMINHAR CERCA DE 20 MINUTOS PARA CHEGAR NO PONTO DE ÔNIBUS MAIS PRÓXIMO.

LOC.2: VOCÊ ACORDA CINCO E MEIA PRA TRABALHAR?

LOC.1: CINCO E MEIA.

LOC.4: AMANHÃ CÊ VAI?

LOC.1: VOU. AMANHÃ É HORA EXTRA, AÍ APARECEU UMA CINTA LÁ.

LOC.2: AÍ COMO É QUE VOCÊ FAZ? VOCÊ DESCE AQUI TUDO E PEGA O ÔNIBUS LÁ EMBAIXO?

LOC.1: EU PEGO LÁ EM SEU CHIQUINHO [CORTE]

LOC.3: LÁ EM FRENTE, O GÁS LÁ.

LOC.1: ISSO

LOC.3: NOSSA SENHORA.

LOC.2: EM ÉPOCA DE CHUVA, A SITUAÇÃO SE COMPLICA AINDA MAIS. COMO NEM TODAS

SONORA “JOSÉ SERRINHA” - [15min8s a 15min35s]

OFF

SONORA: JOSÉ SERRINHA [6min6s]

SONORA: JOSÉ SERRINHA [8min18s]

AS RUAS DA VILA SÃO ASFALTADAS E ALGUMAS SÃO BEM ÍNGREMES, ALGUNS TRECHOS DO TRAJETO FICAM INACESSÍVEIS. POR ESSE MOTIVO, QUANDO CHOVE JOSÉ PRECISA FAZER OUTRO CAMINHO, DESSA VEZ EM DIREÇÃO À PASSAGEM, DISTRITO DE MARIANA, PARA PEGAR PODER PEGAR O ÔNIBUS NA BR.

LOC.1: PERÍODO DE CHUVA JÁ AGARRA MAIS. AO INVÉS DE EU PASSAR POR CÁ, EU DESÇO POR AQUI Ó.

LOC.2: AH, TEM UM CAMINHO POR AQUI TAMBÉM.

LOC.1: É, EU DESÇO POR ALI E PEGO LÁ EM PASSAGEM. [CORTE]

LOC.3: INVERTE A ROTINA TODA, NÉ?

LOC.1: INVERTE A ROTINA TODA

LOC.2: E MARIANA TEM UMAS ÉPOCAS QUE CHOVE, NÉ?

LOC.1: CHOVE DEMAIS MENINA, NÓ.

LOC.2: CHOVE PRA CARAMBA.

LOC.1: QUANDO TAVA CHOVENDO AQUI Ó, VOCÊ PODE PERGUNTAR ESPETINHO, O CARRO NÃO SUBIA DE LÁ PARA CÁ NÃO. FICAVA TUDO NA PRACINHA LÁ. NÉ, ESPETO?

LOC.3: APESAR DAS DIFICULDADES, VIVER NA VILA SERRINHA SEM PAGAR ALUGUEL GARANTIU A JOSÉ UMA VIDA UM POUCO MAIS TRANQUILA. SEU MAIOR SONHO, AGORA, É AUMENTAR A CASA E PODER FAZER UM QUARTINHO PARA SUA FILHA, QUE TEM O GRANDE DESEJO DE MORAR COM O PAI.

LOC.1: EU TENHO UMA FILHA.

LOC.2: QUE MORA AQUI COM VOCÊ?

LOC.1: NÃO. MORA COM A OUTRA MÃE DELA LÁ, NÉ? QUE EU SEPAREI... [CORTE] MAS MINHA FILHA EU CUIDO DELA GRAÇAS A DEUS, ELA É DOIDA PRA VIM PRA CÁ, EU FALEI COM ELA “OH FILHA, DEIXA EU ARRUMAR UM ESPAÇO MAIOR PRA MIM”.

LOC.1: AQUI EU FIZ UM CÔMODO, UM QUARTO, UMA COZINHA E UM BANHEIRO.

LOC.2: E ESSA ÁREA AQUI, NÉ?

LOC.1: E ESSA ÁREA AQUI. AÍ DEPOIS, SE DEUS ME ABENÇOAR, EU VOU VER SE AUMENTO O QUARTO MAIS E FAÇO MAIS UM, PORQUE QUASE SEMPRE QUE VEM MINHA

OFF	FILHA PRA CÁ, NÉ? AÍ EU FAZENDO UM QUARTO... LOC.2: VOCÊ QUER TER UM CANTINHO PRA ELA, NÉ? LOC. 1: É, UM CANTINHO PRA ELA. LOC. 2: ESTE EPISÓDIO DO PODCAST "SE ESSA VILA FOSSE MINHA" FOI PRODUZIDO E APRESENTADO POR AMANNA BRITO E PEDRO VIEIRA. ROTEIRO POR AMANNA BRITO. EDIÇÃO POR PEDRO VIEIRA. LOC. 3: ESTA SÉRIE DE PODCAST FAZ PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO "SE ESSA VILA FOSSE MINHA: RELATOS SONOROS DAS VIVÊNCIAS NA VILA SERRINHA", ELABORADO POR AMANNA BRITO E PEDRO VIEIRA, COM ORIENTAÇÃO DE HILA RODRIGUES, PARA A CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.
-----	---

REFERÊNCIAS

G1. **Vilarejo de Padre Viegas em Mariana se destaca pela tranquilidade.** Disponível em: <
<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/terra-de-minas/video/vilarejo-de-padre-viegas-em-mariana-se-destaca-pela-tranquilidade-3133838.ghml> > Acesso em 19 de set. de 2022.

PREFEITURA DE MARIANA. **Padre Viegas.** Disponível em <
<https://www.mariana.mg.gov.br/distritos/padre-viegas> > Acesso em 19 de set. de 2022.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha. **STF mantém decisão que suspende despejos até depois da eleição.** Disponível em: <
<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/08/stf-mantem-decisao-que-suspende-despejos-ate-depois-da-eleicao.shtml>> Acesso em 19 de set. de 2022.